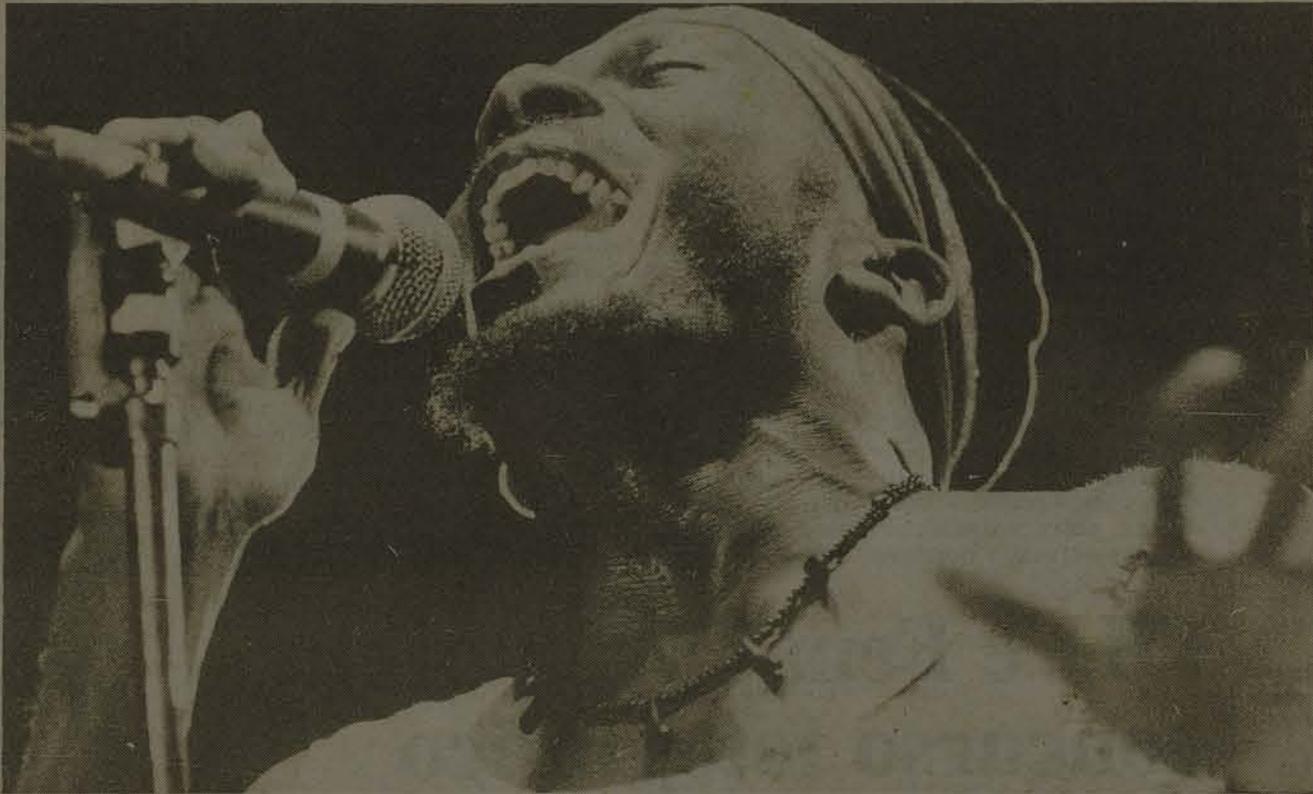


ZÉRO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC. FLORIANÓPOLIS, 13 a 27 DE MAIO DE 1991 - ANO IX, Nº 1



Cláudia de Oliveira

CLIFF

As fotos do show

MATOGROSSO

A entrevista

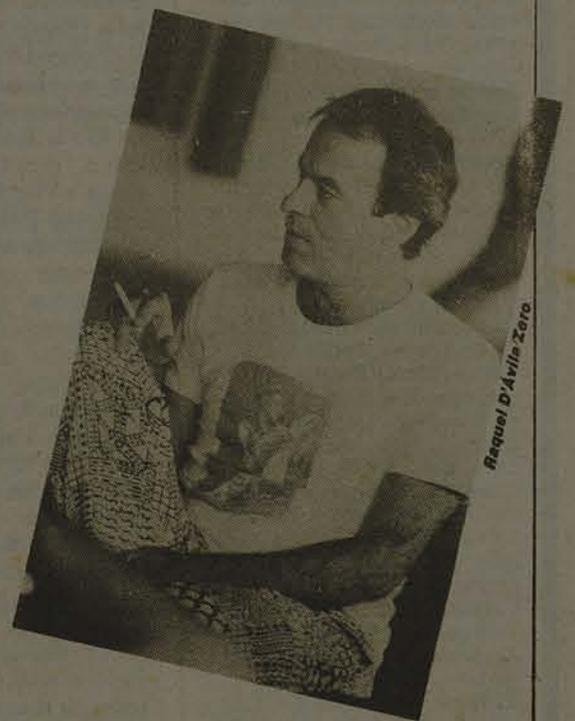
MARLEY

A vida, em duas páginas

“ARROXO”

1º de maio detona Greve Geral

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



Raquel D'Ávila Zoro

O Ministério da Saúde adverte: o Colléra mata. Zélia que o diga



Saímos na Playboy. E aí?

Desafio agora é inovar, quinzenalmente

A dedicação e tenacidade de alguns professores e alunos do Curso de Jornalismo que executam o *Zerose* viu recompensada, em março passado, com a publicação do ranking das melhores faculdades do Brasil da revista *Playboy*. Não porque tenhamos despencado da nona posição de 90 para fora da lista neste ano, mas porque, pelo menos, duas razões de orgulho interno tenham sido reconhecidas: este jornal que você tem nas mãos e o PPPJ, sigla que traduz o Programa Permanente de Pesquisa para o Aperfeiçoamento e Democratização do Jornalismo. Fomos citados nominalmente.

Você deve estar se perguntando o motivo de só agora estarmos colocando isto. Bem, é nossa primeira edição de 91 e, pelas conseqüências de uma atrasada licitação



O último premiado

(anualmente necessária), só agora o jornal está sendo publicado. Mas a espera valeu, não apenas pelo reconhecimento da *Playboy* que, certamente nos estimula, mas pelo que trazemos nesta edição. Quanto à nossa posição no ranking, talvez até por já termos desfrutado de uma sétima colocação, depois reprimada, o resultado enfim, não nos preocupa, porque temos

consciência de estar conduzindo um dos melhores cursos de Jornalismo do País e certamente o mais regular e crítico jornal-laboratório brasileiro. Isto não é pretensão, antes um esclarecimento, a manifestação de uma postura. E o elogio não vai fazer com que nossa equipe se acomode. Pelo contrário.

Por força da licitação atrasada ficamos com apenas dois meses para executar quatro edições, que pretendemos cumprir com seriedade e profissionalismo, em regime quinzenal. Esta carta está aqui para garantir esta intenção, que não nos assusta.

Afinal, ainda no semestre passado experimentamos diversas edições semanais que, embora descumprindo prazos, saíram com uma velocidade impensada para um jornal que sempre foi mensal.

Então, fique atento: ao contrário do presidente, vamos estimular a cultura, a coluna do malho, todo mês teremos uma página de fotografia, perfis, entrevistas e mais e melhores reportagens.

CARTAS

A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e o Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina vêm agradecer o apoio do Departamento de Comunicação ao XXIV Congresso Nacional dos Jornalistas, ocorrido entre 31 de outubro e 3 de novembro de 90 em Florianópolis. Sem esse apoio teria sido difícil concretizar com pleno êxito o referido evento.

Armando Rollemberg e Celso Vicenzi, presidentes da Fenaj e Sindicato dos Jornalistas SC



Acima da média

Minhas atribuições aqui como *ombudsman* me impedem de realizar análise detalhada do *ZERO*. Mas o jornal me pareceu bem acima da média dos jornais laboratórios que tenho visto - todos muito rapidamente, friso. Quanto à diagramação eu me chocho apenas com o excesso de horizontalização. Mesmo em tablôides, a vocação plástica do jornal é vertical - lemos da esquerda para o direita e de cima para baixo. Achei também bem apurada e bem escrita a reportagem sobre o fim da exigência do diploma (o título falava em fim do diploma - o que no fundo acaba sendo um futuro possível...) Em todo caso, parabéns à turma.

Caio Túlio Costa, ombudsman do Folha de São Paulo

MALHO

Não se deixe enganar por boas intenções. O alerta é para todos videomarkers que estão seduzidos a aceitar a proposta da equipe de produção do programa "A TV também te vê" gerado aos sábados pela RBS-TV de Florianópolis. O que eles querem é a colaboração espontânea dos autores que cedem suas produções em troca de veiculação na rede estadual. Fuja, pois os alunos do Curso de Jornalismo são as primeiras vítimas. Foram cedidos 10 vídeos produzidos pelo nosso laboratório de vídeo, com durações diversas que, na veiculação, foram literalmente mutilados. A velha história: para respeitar os espaços comerciais os vídeos são "adaptados" ao espaço disponível. Dessa forma, todos vídeos cedidos pelo Curso foram apresentados em trechos, inclusive casos dramáticos, de produções com mais de 30 minutos que não tiveram sequer dois minutos editados. Bola preta pra produção do programa. Ou apresentem os trabalhos integralmente sem frescurinhas futurísticas ou cancelam o projeto. Ajuda desse tipo acaba destruindo uma boa idéia: revelar talentos e democratizar a televisão.



Melhor
Peça Gráfica
I, II e III Set
Universitário
Maio 88
Setembro 89
Setembro 90

Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

Arte: Frank
Colaboração: Dalton Barreto, Renata Rosa, professores Gastão Gassen, Gilka Girardello, Valci Zuculotto.

Diagramação: Adriana Martorano, Angelita Correa, Fernanda Medeiros, João Paulo Correa Miller, Marta Scherer, Nilva Bianco, Simone Fritsche.

Edição: Fabiano Melato, Geraldo Hoffmann, Nelson Lorenz, Nilva Bianco, Ricardo Jacques.

Edição e supervisão: professor Ricardo Barreto (MTB 2708 RS).

Fotografia: Cleide de Oliveira, Deise Freitas, Eduardo Simões,IVALDO BRASIL, Murilo Napolini, Nani Gois, Pedro Melo, Raquel D'Avila, Ricardo Jacques, Rogério Reis, Victor Carlson.

Laboratório Fotográfico: Deise Freitas, Pedro Melo.

Textos: Ana Cláudia Menezes, Claudine Nunes, Cristiane Cardoso, Geraldo Hoffmann, Jacques Mick, Janaína Dias, Kátia Klock, Marli Henicka, Murilo Napolini, Nelson Lorenz, Nelson Correa, Nilva Bianco, Ricardo Jacques, Romir Rocha, Sara Caprario, Sílvia Pavesi, Victor Carlson, Viviane de Araújo, Teresinha da Silva.

Acabamento e impressão: Imprefar

Redação: UFSC-CCE-COM - Curso de Jornalismo - Trindade - CEP 88045 - Florianópolis/SC

Telefones: (0482) 31-9215 - 31-9490

Telefax: (0482) 33-4069

Distribuição gratuita
Circulação dirigida

OIJ e Fenaj promovem concurso fotográfico

Para comemorar seus 45 anos de existência a Organização Internacional dos Jornalistas (OIJ) e a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) estão promovendo a 15ª edição do concurso fotográfico *Interpressphoto 1991*, cuja exposição será feita em setembro no Rio de Janeiro. O lema deste ano é "Pela Liberdade, Democracia e Vida Humana". Podem participar jornalistas, fotógrafos que trabalhem em regime *full-time*, como correspondentes ou *free-lancers*, para jornais, revistas, agências de notícias e rede de televisão de qualquer país — a OIJ representa Federações de Jornalistas de mais de 120 países.

Podem concorrer fotos isoladas ou em série, em PxB ou em cores, através de oito categorias subdivididas em foto isolada e ensaio: *Notícias* (acontecimentos individuais ou de grupo), *Retratos humanos*, *Desportivas* (eventos, atividade infantil, de campeonos, treinamentos, treinadores, curiosas), *O Homem e o Trabalho*, *O Homem e a Arte*, *Ciência e Tecnologia*, *O Homem e a Vida* (Cenas de cotidiano) e *Homem, animais e Natureza*. Para a competição as fotos, PxB ou em cores, devem ter tamanho

mínimo de 24x30 cm e máximo de 40x50 cm. Para o catálogo e para a conferência internacional de imprensa devem ser fornecidas duas reproduções de cada foto inscrita em formato 18x24. As fotografias não serão devol-

vidas.

Os vencedores de cada categoria concorrem a uma medalha de ouro, duas de prata e três de bronze; além de diplomas. Mas não é só, cinco grandes prêmios entram na disputa. Dois da OIJ, outro da Kodak (US\$ 3000 para a melhor foto ou ensaio/cor), da Fenaj (US\$ 2000 para vencedor nacional) e; uma viagem de estudos da União dos Jornalistas da URSS. De sua parte, a OIJ garante o Grand Prix com uma bolsa de estudos de US\$ 3000 para a foto ou ensaio que melhor retrate o lema do evento (autor assiste a abertura da exposição com viagem e estadia e o Prêmio Special, com uma bolsa de estudos de US\$ 1000 para o trabalho que melhor demonstre esforços pela liberdade e democracia. Todos os concorrentes recebem diplomas e o catálogo da exposição. O júri vai ser formado por nove jornalistas de países diferentes. O resultado será divulgado em uma conferência internacional de jornalismo.

Outros detalhes e fichas de inscrição você pode obter no Sindicato de Jornalistas e o prazo final é o dia 30 de maio. Me-xa-se.



Descaso com privatização é geral

Na UFSC poucos se uniram contra ensino pago

Um estudante universitário custa para o governo em média US\$ 4 mil por ano, conforme os últimos levantamentos do Ministério da Educação. Levando em conta que este aluno faça o curso em cinco anos, no final de seus estudos ele estará devendo um total de US\$ 20 mil para os cofres públicos. Como o ensino superior é gratuito nas instituições federais, o universitário, até agora, nunca teve que pagar pelos seus estudos. Mas o governo está fazendo de tudo para mudar estas normas. Ele justifica que as universidades públicas são as responsáveis pela precariedade do ensino de 1º e 2º graus, por roubarem os poucos recursos que poderiam ser repassados à educação básica. Outra das alegações do governo para querer acabar com as universidades federais é a de que "o ensino gratuito beneficia quem menos precisa dele".

O fim da gratuidade do ensino superior faz parte de um dos três itens do Projeto lançado pelo ministro da Educação, Carlos Alberto Chiarelli, no dia 15 de março. Este item é chamado de Serviço Civil Obrigatório e compromete o estudante a prestar um trabalho comunitário depois de formado. Seria uma forma de pagamento. Para aqueles que têm condições de pagar e não quiserem exercer este serviço, será cobrada uma indenização. O Projeto do MEC destina esta indeniza-

ção à criação de vagas no ensino noturno e ao amparo e incremento à pesquisa. Não é especificada a forma como se dará este pagamento, nem os critérios para a cobrança, e muito menos a partir de que ano poderá ser implantado.

Caso o governo decidisse cobrar o valor de US\$ 20 mil de cada universitário, hoje arrecadaria um total de Cr\$ 6 milhões, ou dividido em parcelas de Cr\$ 100 mil por mês durante cinco anos. A coordenadora geral do DCE, Dóris Gomes, acha que o serviço civil pode ser uma coisa boa, mas adverte que do jeito que o Projeto coloca, ele vem como forma de pagamento, privatizando as universidades. O professor Almeri Finger, da pós-graduação de Administração em universidades, tem a mesma opinião do ex-reitor e hoje membro do Conselho Federal de Educação, Ernani Bayer. Eles pensam que seria bom e válido um serviço voltado para a comunidade em instituições públicas.

Outro item polêmico que atinge diretamente os estudantes é a criação do Exame de Habilitação Profissional. Este exame será feito pós-colação de grau e somente receberá o registro profissional, podendo exercer a profissão, aquele que passar na avaliação. Com esta prova, o governo pretende identificar quais as universidades de ensino superior que estão formando maus profissionais. O Projeto diz que este exame servirá para banir aquelas instituições que se mostrarem incapazes de preparar seus alunos para o enfrentamento da prova pós-colação. Ernani Bayer discorda do exame. "Se a escola não tem qualidade, vamos melhorar a es-



cola e não inventar provas de avaliação para o aluno".

O professor Almeri Finger diz que o exame de habilitação tira da universidade o poder de capacitação profissional. Ele acha que a idéia não é tão ruim, mas é preciso ver quem fará e como será aplicado este processo de avaliação. A maior preocupação do professor Finger é que, com esta medida, o diploma não vá ter muita importância, e sim o exame passe a figurar em primeiro lugar. Com isso, ele acredita que além dos cursos pré-vestibulares, vão-se criar, então, cursos para formandos, agora destinados a ajudá-los a sair da universidade. Isto será mais uma forma de mercado.

O ponto mais extenso do Projeto do MEC é o que trata da Autonomia Universitária. Apesar de já constar na Constituição, ela nunca foi definida. Este item é subdividido em cinco partes e trata do Regime Ju-

rídico, da Autonomia Acadêmica, Financeira, Administrativa e da Avaliação. A presidente da Asufsc, Helena Dalri, diz que a autonomia que o Projeto está propondo é de angariar recursos no Estado. E não é por esse tipo de autonomia que a categoria vem lutando. Os servidores, assim como os professores e alunos, decidiram em assembléia geral votar contra o Projeto do MEC, também conhecido como "Proposta de uma Nova Política para o Ensino Superior".

O secretário da Apufsc-Sr. Sind., Paulo Pinheiro Machado, disse que o Projeto só tem temas, não é uma lei, e é impossível aceitar assuntos sem critérios e explicações. Ela acha que o projeto merece uma grande discussão e que não é de uma hora para outra que vai-se decidir mudar normas tão importantes. A maior preocupação dos pro-

fessores e servidores é para que seja votada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que está tramitando há três anos no Congresso Nacional. A LDB é um projeto com 140 artigos feito por educadores e tem como proposta o ensino gratuito, democrático e de qualidade. Segundo a direção da Apufsc-SSind e da Asufsc, o governo Collor tenta desconhecer todo o processo de elaboração da LDB, que durou seis anos, querendo aplicar o novo projeto do MEC, que se contrapõe a esta proposta dos educadores.

O ministro Chiarelli deu um prazo de 60 dias para que o Projeto seja discutido e avaliado pelas universidades. Este prazo termina em 13 de maio. Neste dia, o ministro disse que vai começar o processo de edição para transformá-lo em projeto de lei. Com isso, Chiarelli enviará para votação no Congresso Nacional.

Lei de diretrizes e bases é a alternativa



Londrina: mobilização efetiva

A paralisação dos dias 9 e 10 de abril foi um manifesto à rejeição dos vetos que o presidente Collor havia imposto ao Regime Único, às novas medidas do projeto do MEC e ao processo de sucessão na reitoria, que acontecerá este ano. O Congresso derrubou cinco dos vetos do presidente. Na Assembléia Geral Universitária do dia 10, os três segmentos da UFSC, professores, servidores e estudantes, votaram contra o Projeto dando ênfase para a aprovação imediata da

LDB.

O Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN) realizou o II Conad Extraordinário de 11 a 13 de abril, em Brasília. O congresso foi organizado para debater a "Proposta de uma Nova Política para o Ensino Superior" (Projeto do MEC) e o estágio de tramitação da LDB no Congresso. O encontro propôs uma campanha contra as medidas do MEC, procurando agilizar a votação da LDB e defender a universidade pú-

blica e gratuita. Foi decidido que 13 de maio é o Dia Nacional de Luta para todos os setores da educação, incluindo redes públicas e privadas. Neste dia, ainda será feito um ato no Congresso Nacional protestando a Proposta do MEC e para contestar contra o fim do ensino gratuito.

No dia 8 de maio, estudantes da UFSC participaram da mobilização realizada no calçadão em frente à Catedral de Florianópolis. Cada curso levou o que produziu nas salas de aula. Foi também um

manifesto em defesa do ensino público.

O Congresso marcado para o período entre 29 de maio e 2 de junho, em Campinas, também vai ter como tema central a luta pelo ensino gratuito. O DCE está querendo levar dois ônibus para este Congresso. Querendo participar e ajudar a defender a universidade gratuita, informe-se melhor com os coordenadores do DCE, no Convivência. Do contrário, você é quem perde.

Textos: Kátia Klock

Cuidado, ninguém escapa da cólera

No Brasil, um milhão podem perder a vida

Santa Catarina está completamente vulnerável à entrada da cólera no Estado, devido à densidade populacional, ao saneamento básico precário, a grande mobilidade de pessoas e ao fato de o Estado abrigar cidades portuárias como Itajaí, São Francisco do Sul, consideradas áreas de risco. Além disso, outra porta de entrada para a doença, segundo o diretor de Vigilância Sanitária da Secretaria da Saúde, Dr. Mário Flores, é através dos países vizinhos Argentina e Paraguai, devido ao grande tráfego de caminhões e ônibus catarinenses por esses países.

Para evitar a entrada da cólera em Santa Catarina, a Secretaria da Saúde, juntamente com a Casan, Fatma, Acaresc, Fundação SESC e Saúde dos Portos formaram uma comissão estadual de prevenção à doença que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), vai atingir 3 milhões de brasileiros, podendo matar a metade. A comissão, que se reúne desde março, já elaborou um material técnico com informações sobre a cólera, que está sendo enviado a todos os municípios do Estado para ser usado pelas instituições de saúde.

A ordem agora, segundo o Dr. Mário Flores, é que cada um dos municípios catarinenses forme uma comissão municipal para prevenir e diagnosticar a doença.



Stewart McBride/TCSM

Mais de 90% da população corre o risco do contágio: apenas 8,5% do estado têm seus dejetos tratados

“Nós não vamos conseguir vigiar o Estado todo”. Ele acredita ainda que desta forma se fará “uma vigilância sensível que possa detectar precocemente a doença”. Além disso, a Secretaria da Saúde vai designar, a partir da próxima semana, dois ou três especialistas em áreas como epidemiologia e laboratório, para dar palestras sobre a cólera em micro-regiões do Estado. Além disso, um folheto explicativo será distribuído para toda a população. “A parte técnica do material já está pronta, falta apenas viabilizar as verbas”, diz o diretor.

Em Santa Catarina, morreram 50 pessoas, só na capital, durante

as duas epidemias da cólera ocorrida no Brasil nos anos de 1855 e 1893. Agora, apesar das precauções que estão sendo tomadas para evitar um novo surto da doença em Santa Catarina, o Dr. Mário Flores não se ilude: “a partir do momento em que a doença já está no país, não há nada que evite sua entrada no Estado.

As condições precárias do saneamento básico no Estado “são uma obviedade”, diz o Dr. Mário. Ele sabe do que fala. De acordo com dados da Casan, somente 8,5% da população catarinense podem se dar ao luxo de possuir uma rede de esgoto ade-

quada. É o caso de Balneário Camboriú (único município do Estado que realiza tratamento do esgoto), Joinville, que tem só uma parte do sistema concluído, e outros 10 pequenos municípios do meio rural que têm fossa séptica com latrina, graças a um contrato firmado entre Casan e o banco alemão KFW. A região da grande Florianópolis, continente e ilha incluídos, não tem tratamento de esgoto. Os dejetos vão direto para os leitos fluviais, o que facilita a contaminação de água e alimentos com a possível presença do bacilo causador da cólera.

Teresinha Silva

Acompanhe passo a passo como a doença nos pega

A doença — O bacilo causador da cólera (*vibrio cholerae*) se instala no intestino delgado e quando se multiplica provoca diarreias e vômitos, levando o portador a perder até 20 litros de água por dia. A incubação da doença pode durar 5 dias.

Sintomas — Diarreias aguda de cor esbranquiçada, cólicas abdominais, desidratação rápida, perda de peso, dores no corpo, náuseas e vômitos, câimbras e colapsos, pele azulada seca e enrugada, e sede.

Contaminação — A água é contaminada por fezes, vômitos e outros dejetos que contenham o bacilo. Ingerir água ou alimentos infectados pelo bacilo é a via para contaminação de novos portadores.

Precauções — Ferver água e leite, antes do consumo (a água também deve ser tratada com cloro). Alimentos crus como frutos do mar, por exemplo, devem ser evitados ou substituídos por pratos cozidos. Hábitos de higiene são fundamentais. A vacina anticólera não age sobre pacientes já infectados e demora seis meses para atuar.

Falar bem de um produto ruim, agora dá cadeia

Protejam-se as atividades publicitárias! Está nas ruas desde 11 de março, paladino, que vai nos livrar da propaganda enganosa ou abusiva. Trata-se do Código de Defesa do Consumidor, uma novidade no Brasil. Nos seus 119 artigos, o que muito julgam um exagero, o Código estabelece os direitos e deveres dos consumidores e fornecedores. Determina, por exemplo, que todos os produtos tragam a especificação de sua origem, composição, preço e prazo de validade. E em caso de transgressão, nosso herói defensor não deixa por menos: tanto a agência de publicidade quanto o patrocinador do anúncio podem pegar de três meses a um ano de cadeia, e as multas para quem abusa do consumidor variam de Cr\$ 38 mil a Cr\$ 300 milhões.

Mas, por enquanto, o código não vai levar ninguém pra cadeia. Segundo o responsável pela fiscalização do procon/SC, Julcionir Soares, O Código aguarda uma lei complementar que o ajuste às leis



Jim Davis/USA

em vigor. Essa lei “já era prá ter saído”, diz ele. O que pode acontecer por enquanto é que se o Procon receber uma denúncia de irregularidade baseada no Código, ele vai verificar e, se for o caso, obrigará o responsável a ajustar-se. O Procon não pode, porém, caracterizar o abuso como uma infração. Nos alugueis, o Código estabelece que a imobiliária não pode cobrar das pessoas que procuram imóveis,

para alugar as taxas abusivas que normalmente cobra. Se for denunciada, a imobiliária pode ter que pagar uma multa e o seu proprietário pode sofrer processo por estelionato. O código também estabelece proteção contratual aos consumidores. Segundo o artigo 47, “as cláusulas contratuais serão interpretadas de maneira mais favorável ao consumidor”. As cláusulas que implicarem limitações aos direitos

do consumidor deverão ser redigidas e apresentadas com destaque, de maneira a serem facilmente identificadas.

O consumidor leva vantagem do começo a fim do código. “A maior prova disso é que antes o consumidor tinha que provar sua denúncia, agora o acusado tem que provar que a denúncia não tem fundamento”, diz Nilo Sérgio Quintino dos Santos, que acupou interina-

mente o cargo de coordenador do Procon/SC de 19 de março a 26 de abril. Para Nilo, o Código veio reforçar os programas de defesa do consumidor, identifica os abusos, e apresenta tipos penais que permitem a autuação”, diz. Uma das grandes vantagens trazidas pelo Código é o artigo 71, que fala da cobrança de dívidas: “Utilizar, na cobrança de dívidas, de ameaças, coação, constrangimento físico ou moral, afirmação falsas, incorretas ou enganosas, ou de qualquer outro procedimento que exponha o consumidor a ridículo ou interfira com seu trabalho, descanso ou lazer, pode acarretar detenção de três meses a um ano, mais multa”. Nestes tempos em que há tão pouco dinheiro em circulação, limitar a ação dos “desagradáveis cobradores”, já é uma grande ajuda que o Código dá aos brasileiros.

Marli Henicka

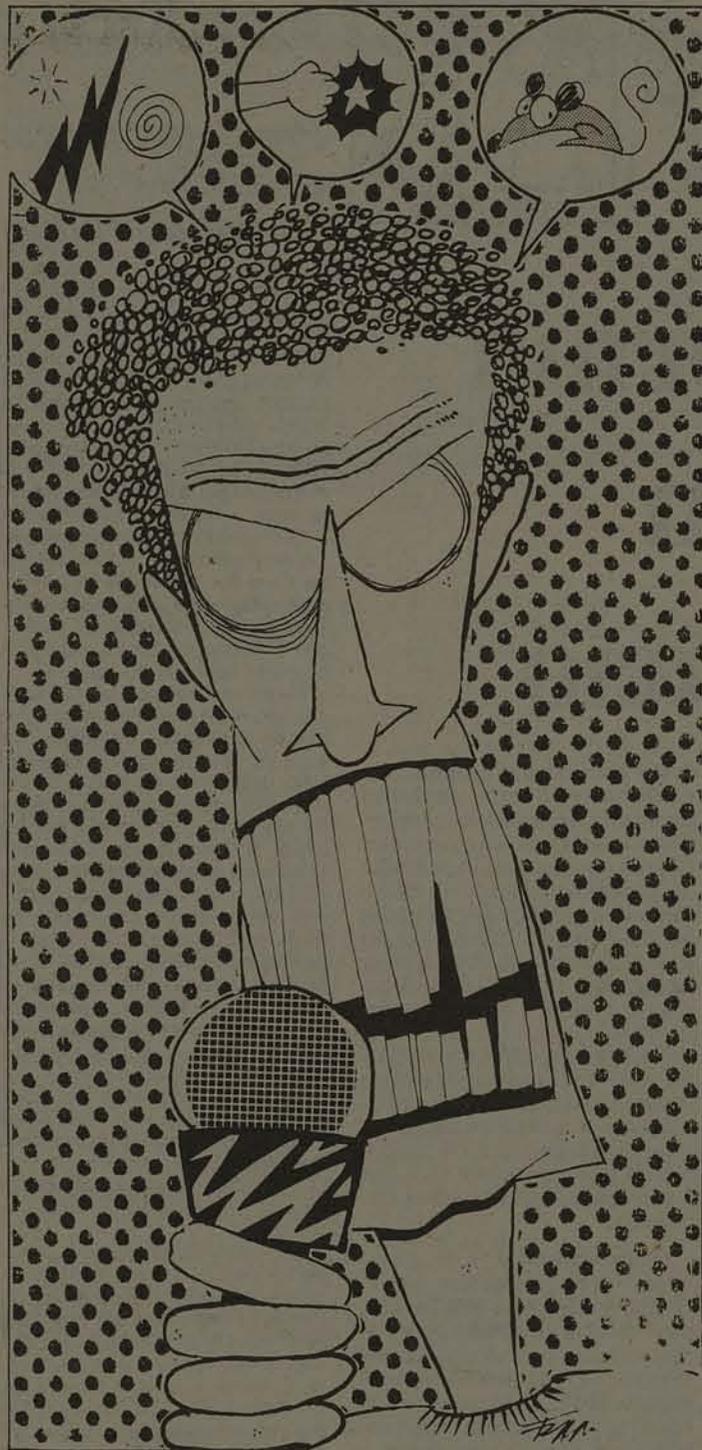
Hélio Costa não perdoa, condena

Florianópolis, bairro de Capoeiras. Chega um carro de uma TV; o repórter desce, esbaforido, parece ter muita pressa; a porta do carro fica aberta. Ele entra no armazém dirigindo-se diretamente à mulher atrás do balcão: "como está a vida de vocês depois que os sem-teto invadiram este terreno aqui perto? Desvalorizou a moradia de vocês?" A mulher prefere não falar, chama o marido que também não quer gravar entrevista. Um freguês que esta no canto do armazém, se aproxima do repórter e mostra-se animado com a possibilidade de falar no microfone. Ele concorda com a ocupação. "Eles não dão problemas, até limparam o terreno, moço, tão acabando com os ratos". O microfone está desligado; o repórter não fez questão de gravar este depoimento e arremata: "não dão problemas agora, no futuro podem dar". Volta para o carro e sai procurando alguém que dê a entrevista que ele quer.

Ele é Hélio Costa, o folclórico repórter policial catarinense que aparece todos os dias na TV, no programa do apresentador e deputado federal pelo PFL César Souza. Ficou conhecido por tornar suas matérias verdadeiros interrogatórios policiais — "Faço este tipo e jornalismo por causa da audiência". Além da TV, Hélio também trabalha para a Rádio Guararema.

Vagabundo, bandido, sem-vergonha e malandro são alguns adjetivos que ele costuma usar com as pessoas que entrevista. Acha-se o máximo, quase um herói, afinal ele ajuda a polícia a limpar, a salvar a cidade da marginalidade. E com orgulho afirma: "os bandidos têm mais medo de mim do que da polícia". Segundo ele, ninguém em Florianópolis rouba para comer e sim para comprar drogas e "como são todos uns vagabundos mesmo, não faz diferença no jeito que são tratados. E olha, prefiro ser chamado de carrasco do que injusto, 'visse'?"

Ele tem por volta de 1,80m, não é gordo, o rosto é largo, o queixo quadrado e quando chega de dedo em



“Agrado o povo e assusto os malandros. Prefiro ser carrasco a injusto”

riste na cara de seus entrevistados, realmente provoca mais medo do que a polícia.

Caras e bocas — Hélio Costa nunca escreve suas falas ou organiza no papel as perguntas. Prefere apostar nos seus quinze anos de trabalho e acaba caindo em expressões gastas e ultrapassadas. Faz mil caras e bocas e, como bom maneirinho, franze

a testa o tempo inteiro, deixando linhas brancas em contraste com a pele bronzeada.

Mas sua maneira de entrevistar pode mudar muito. Um exemplo: com Nilton Amaro Vieira e Ari Venâncio da Silva que venderam em Santa Catarina nove carros roubados em São Palo e com documentação falsificada em Maringá (PR), Hélio Costa não

usou as mesmas palavras que usa quando entrevista alguém "do morro". Ele acha que Ari e Nilton poderiam não estarem sabendo dos roubos e venderem os carros inocentemente.

Ele não se acha sensacionalista, mesmo quando conta a platéria do jeito mais óbvio possível: "eu agrado o povo, né ó". "A RCE, empresa onde trabalha, tem o maior índice de audiência nas tardes de segunda à sexta-feira, concorrendo com novelas, filmes e programas infantis das outras emissoras. Apesar da boa audiência, Hélio Costa também é criticado. Paulo Roberto dos Santos, eletricista do bairro Ipiranga não suporta Hélio Costa: "Não entendo como uma pessoa que não em respeito por ninguém pode falar na TV".

Hélio começou a trabalhar em 1978 no rádio-jornal "A Verdade" onde fazia política, era setorista da Assembléia. Passou pela TV Eldorado, participou do projeto dos Jornais Associados, trabalhou na TV Barriga Verde. Além da política, cobria também o esporte, mas sua paixão sempre foi a polícia.

Amigo dos homens — Ele quer seu próprio programa de TV, só com matérias policiais: "queria ter mais tempo de investigar os crimes que acontecem na cidade e também no estado". Como único repórter policial de TV em Santa Catarina, ele é sempre o primeiro a ter as notícias. É amigo de todos os delegados, conhece todos os funcionários de todas as delegacias e tem trânsito livre por elas. Durante a semana, pelas manhãs, ele faz a ronda pelas DPs. Faz questão de dirigir o carro "pois os motoristas são muito relapsos". Em algumas delegacias, Hélio não precisa parar: quando os policiais vêem o carro da TV, logo vão fazendo gestos indicando se há notícia ou não.

Ele acha a polícia estadual muito eficiente e dedicada. "A polícia daqui cresceu, 'entendesse'?. Tá sempre se organizando trabalhando". Ele acha ótimo quando a Polícia Militar sobe o morro procurando, como ele diz, os "novos malandros". "Lá é o foco da malandragem, né ó".

E o repórter policial pensa em aproveitar a divulgação que seu nome já tem no rádio e na TV, e em se lançar candidato nas próximas eleições, como fez seu chefe César Souza. O partido ainda não está definido, pode ser o PFL, o PDS, o PDT. "A ideologia do partido não importa, vou seguir a minha própria. Tenho 37 anos, ninguém me faz a cabeça". Eleitor de Collor e Kleinübing, ele não vê nenhuma diferença entre os partidos. Mas confessa que está um pouco decepcionado com seu presidente.

Saudade da ditadura — Depois de eleito, diz que vai acabar com toda a malandragem que tem por aí. Para ele nem os civis nem os militares fizeram nada certo. Os militares, em sua opinião teriam sido mais eficientes se tivessem fechado o Congresso quando estavam no poder. (O aspirante a político esquece que durante a ditadura militar o Congresso foi fechado duas vezes).

Não acredita em política estudantil e sindical: "é só promoção pessoal". Diz que se fosse dono de TV ou chefe de Jornalismo, jamais daria espaço para tais movimentos. Diz que alguns cursos universitários deveriam ser privatizados e o de Jornalismo é um deles. Ele não tem o curso de jornalista e se defende dizendo que agora já não tem mais tempo de ir para a universidade.

Hélio Costa não lê muito. Nem literatura policial. Aliás, só conhece Agatha Christie de quem não gosta, e nunca ouviu falar de Raymond Chandler ou Dashiell Hammett. Gosta muito do escritor Sidney Sheldon, mas só consegue lembrar de um e seus livros, "A Ira dos Anjos". Gosta muito de cinema, mas não vai, "não dá tempo". Começa a trabalhar às seis da manhã e vai até as oito da noite, descumprindo a jornada de cinco horas diárias estabelecida pelo Sindicato dos Jornalistas. Não faz greve nem reclama salário. É um funcionário padrão. É um péssimo profissional na opinião dos jornalistas.

Sílvia Pavesi



União transforma Assembleia em curral do Palácio

Decisão de Justiça amplia polêmica

Escândalos, irregularidades e palhaçadas nunca faltaram no legislativo brasileiro, e pelo jeito sempre existirão. No dia 8 de abril, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina foi palco de mais uma das incontáveis armações do poder: os deputados da União por Santa Catarina fizeram votar, em regime de urgência, o Projeto de Modernização do Governo (PMG), provocando a reação dos parlamentares da oposição, que durante a votação se retiraram do plenário.

Segundo o deputado Sérgio Grandó (PCB), os nove projetos de lei que compõem o PMG não foram distribuídos com antecedência para uma análise adequada. A única alternativa que restou aos opositores foi a retirada em massa da sessão, já que não conheciam o conteúdo do projeto a ser votado. Grandó reclamou ainda que o regime de urgência decretado pelo Governador, deve-se ao fato de que Collor estaria no estado no dia seguinte, na Festa da Maçã. Kleinübing queria mostrar que Santa Catarina está solidária com o presidente, aplicando a política do Governo Federal.

Mais de mil servidores que lotavam as galerias do plenário provocaram tumulto, com o objetivo de adiar a votação. Os deputados Mário Cavallazzi e Gilson dos Santos foram os alvos prediletos dos ovos e papéis jogados pelos manifestantes.

Começa cedo — Os conflitos entre os parlamentares da União e da oposição já haviam começado pela manhã, durante a reu-

nião da Comissão de Constituição e Justiça, encarregada da análise das emendas ao Projeto. Os opositores fizeram várias propostas no sentido de proporcionar uma melhor análise das emendas, mas todas foram rejeitadas pela União. E, a exemplo do que fariam mais tarde, na sessão de votação, os deputados opositores se retiraram da reunião.

Uma das medidas mais polêmicas do PMG é o projeto de lei complementar 3/91, que altera dispositivos do estatuto dos servidores públicos estaduais. As principais mudanças são o fim da inamovibilidade e do instituto da agregação; autorização obrigatória do chefe do poder ao qual pertence o servidor para a concessão de licença relativa a problemas particulares; e a obrigação do servidor de contribuir para o IPESC enquanto estiver de licença. Outras importantes modificações: a licença-prêmio não poderá mais ser convertida em dinheiro; o adicional do triênio cai de 6% para 3% ao ano, serão efetuadas demissões e servidores serão colocados em disponibilidade.

No dia 11 de abril, os 18 deputados da oposição entraram com um mandado de segurança junto ao Tribunal de Justiça a fim de anular a sessão do dia 8. Alegaram o descumprimento do artigo 140 do regimento interno da Assembleia Legislativa, que determina que os projetos e avulsos aprovados pela Comissão de Justiça devem ser publicados no Diário do Legislativo antes de irem ao plenário.

O resultado foi positivo. No dia 18, o desembargador Eduardo Luz concedeu a liminar, considerando que realmente houve desrespeito ao artigo 140. Segundo o texto da própria liminar,

“esta providência permitiria o conhecimento pelos senhores deputados da matéria a ser discutida e votada... Assim, presentes os pressupostos para a concessão da medida liminar, susto a tramitação dos projetos mencionados ou se, já encaminhados à sanção governamental, à Assembleia Legislativa, através de seu Presidente, solicite a devolução dos mesmos”.

Na opinião do líder do PMDB na Assembleia, João Matos, o radicalismo da situação e as trapalhadas que foram cometidas, culminaram com a desmoralização do PMG e fizeram com que a oposição se unisse e sasse fortalecida.

Outra artimanha — O governador Wilson Kleinübing, vendo sua derrota imposta pela liminar, usou de uma artimanha para driblar o Judiciário: anunciou, no mesmo dia, que já havia sancionado o PMG, contrariando sua declaração à imprensa no dia anterior, de que só sancionaria o projeto no dia 22.

Com isso, no último dia 25, o desembargador Eduardo Luz declarou que a liminar concedida anteriormente havia se tornado inócua perante a sanção dos nove projetos de lei que compõem o PMG. O mérito da ação ainda será julgado em até três meses.

O advogado da oposição, João Henrique Blasi, está estudando a melhor maneira de recorrer judicialmente da decisão do desembargador ou impetrar uma nova medida na Justiça. Blasi declarou que considera lamentável a decisão do judiciário, que poderia ter sido a favor da oposição, diante de uma manobra pública e descarada do governo, inclusive denunciada e notificada na imprensa.

Sem teto e esperança, os migrantes ocupam a periferia da capital

Problema piora: carência é de 30 mil moradias

Santa Catarina possui 20 mil casas irregulares, estabelecidas através da ocupação de terrenos particulares ou públicos. Em Florianópolis, existem cerca de 11 áreas ocupadas clandestinamente que ameaçam desabar. De acordo com o Instituto de Planejamento Urbano em Florianópolis (IPUF), as principais são: Morro da Penitenciária, Mariquinha, Costeira, mas, a região de maior risco é a via expressa, na entrada da cidade. “A ocupação desenfreada das encostas é um dos problemas mais sérios e de difícil solução”, diz Rodolfo Pinto da Luz, presidente da Associação Catarinense das Empresas do Mercado Imobiliário — Acemi.

Na via expressa moram 400 famílias que convivem diariamente com fios de alta tensão, barrancos com risco de desabamento e segurança frágil de quem vive a poucos metros da rodovia. Isso já provocou a morte de um garoto, atropelado por um carro. A concentração de pessoas nesse local aumentou muito a partir de 1986, nesta época, havia apenas 64 famílias. “Isto aconteceu por causa da crise financeira. Em geral as pessoas têm vindo para cá por causa de falta de uma política agrícola”, explica Hugo Daniel, assessor do Centro de Apoio e Promoção ao Migrante — Caprom. Em abril, o secretário do Continente, Salomão Mattos Sobrinho, apresentou um projeto que prevê a construção de duas ruas paralelas à rodovia e a transferência das famílias para outra localidade. O objetivo é retirar as pessoas da área de perigo e impedir novas ocupações.

A Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Social e a Cohab ficarão encarregadas de encontrar o lugar para o assentamento dos atuais moradores da área. Alguns já foram cogitados: favela Novo Horizonte, Comunidade Nova Esperança, na Coloninha ou imediações dos prédios do Residencial Panorama, no Monte Cristo. “Seja onde for, o importante é que tenha água”, diz Hélio Borges, morador da via expressa.

Vida melho — Hélio chegou em Florianópolis há cinco meses com a esposa Noêmia e dois filhos. Ele divide um casebre de dois cômodos com outra família: Leonir e Célia, que têm um filho. Eles contam que vieram de Palmitos em busca de melhor atendimento médico: “lá a gente tinha que pagar caro, mas aqui, qualquer problema é só ir no posto policial, aqui perto, que eles levam a gente pro INAMPS e nós somos atendidos de graça”, conta

Noêmia. “E eu tenho problema de coluna e úlcera. Agora que tô grávida, resolvi me mudar”, explica Célia, alisando a barriga de seis meses.

As duas famílias sobrevivem de biscates. “No começo foi um pouco difícil, pois as pessoas estranhavam a gente não ser daqui, achavam que o trabalho não era de qualidade, mas, agora tudo bem”, diz Leonir. Ele ainda não sabe quando ou para onde vai, nem mesmo se tem condições de pagar pela moradia. Segundo Salomão Mattos Sobrinho, as prestações serão parceladas “suavemente”, mas, todos terão de pagar.

Assentamento — Além da via expressa há um estudo para extinguir habitações clandestinas no Pasto do Gado. Ali, 500 famílias invadiram um terreno, onde seria construído um ginásio. As pessoas devem continuar morando no mesmo lugar, mas, será desenvolvido um projeto de apartamentos para 2.800 moradores. E para onde deverão ir mais 2.300 famílias.

A dificuldade em conseguir casa própria e o preço dos aluguéis também incentivam as moradias clandestinas. Para Rodolfo Pinto da Luz a política habitacional não atende à baixa renda. “Antes existia o Banco Nacional da Habitação, que financiava casas populares, só que tomou rumos políticos: passou a financiar mansões”. Em Florianópolis, faltam 30 mil moradias para uma população de 250 mil habitantes, que deve chegar perto de um milhão até o ano 2000, segundo o Núcleo de Estudos Catarinenses da UFSC. Mesmo assim, “Florianópolis é a cidade que mais constrói em Santa Catarina”, diz Hugo Daniel.

A proposta do novo governo estadual é construir 40 mil casas em todo o Estado. Para população de baixa renda está em estudo um projeto-piloto, para quem já possui terreno. As casas terão 40 m² e serão erguidas através de mutirão. Só tem direito quem ganha até dois salários mínimos e a prestação não ultrapassa a 10% da renda.

Polo Turístico — Segundo o IPUF, grande parte das pessoas, que vivem nas encostas dos morros, vieram do oeste e planalto catarinense, principalmente Lages.

“A própria prefeitura incentiva: paga o transporte para saírem da cidade”, completa Hugo, dizendo que as pessoas vão para Florianópolis por ser o centro das decisões e oferecer oportunidade de trabalho para mulher. Para ele, os empresários não impedem a ocupação clandestina, enquanto o local não tem infraestrutura. Depois que os moradores colocam rede de esgoto, luz, ou seja, valorizam o terreno, eles compram. “Na ilha esse fenômeno não é crescente por causa da vigilância dos empresários, preocupados em transformá-la em “Polo Turístico”.

Rodolfo Pinto da Luz diz que o estancamento está ligado a um trabalho de conscientização da população. Ele acha importante, também, organizar o que foi ocupado, assegurando saneamento básico: “uma das grandes causas da erosão nos morros”, e evitar a ampliação das ocupações.



Janaina Dias

Claudine Nunes

Seca arrasa a agricultura

Governo é o responsável pelo caos no Oeste

A estiagem do oeste de SC secou a terra, abalou o ânimo dos pequenos agricultores. Cinquenta municípios em estado de calamidade pública, 25 em emergência: o prejuízo deve chegar a Cr\$ 80 bilhões na safra deste ano. Colheita escassa, comida pouca. O desespero começa a tomar conta dos trabalhadores rurais diante das negativas do governo para liberar um crédito de custeio emergencial. Sem perspectiva ou esperança, eles fizeram greve de fome por 3 dias, mas não conseguiram mais do que promessas para o futuro.

"Estamos muito cansados. Viajamos muito, nos alimentamos mal e agora enfrentaremos uma greve de fome. Essa situação é triste, mas não desistiremos até que nossas reivindicações sejam atendidas" diz Luís Puntel, agricultor. Assim, começou a Semana em Defesa da Reforma Agrária. Do dia 22 ao dia 25, vinte e três agricultores do oeste catarinense ocuparam o saguão da Assembléia Legislativa nesta manifestação, cujo objetivo era sensibilizar as autoridades estaduais e federais para os problemas causados pela forte estiagem e pela má distribuição de terra. Visava, também, exigir o cumprimento das reivindicações feitas pelo Movimento Sindical e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra.

Pressionado por outras manifestações, feitas anteriormente pela mesma classe, o governo implantou o Crédito de Emergência, que previa a liberação de Cr\$ 3 bilhões para serem divididos entre 110 mil famílias. Isto daria cerca de Cr\$ 27 mil por família, sendo que os agricultores teriam que se cadastrar no banco para receber o dinheiro, em 6 parcelas. Ao pagarem a dívida sofreriam juros de 9% ao mês mais a taxa referencial diária. Apesar da orientação contrária do movimento, 30 agricultores se cadastraram no banco, numa demonstração de desespero e do drama por que passam suas famílias.



Eles ainda precisam fazer greve de fome...

Paulo Lauxen, secretário agrário do PT e membro do departamento rural da CUT, criticou durante o crédito de emergência liberado pelo governo. Segundo ele "O crédito é um atestado de óbito".

Outras manifestações já haviam sido feitas. A primeira em Chapecó, onde os agricultores acamparam em praça pública entre os dias 13 e 15 de janeiro. A segunda foi em Iraceminha, no dia 4 de abril. Os agricultores partiram para o bloqueio do BESC da cidade. Impediram, inicialmente, a entrada de clientes e funcionários. Com a intervenção militar, liberaram a entrada de funcionários. Os agricultores não sabem quem solicitou a intervenção da polícia militar, mas prometem descobrir e levar ao conhecimento público.

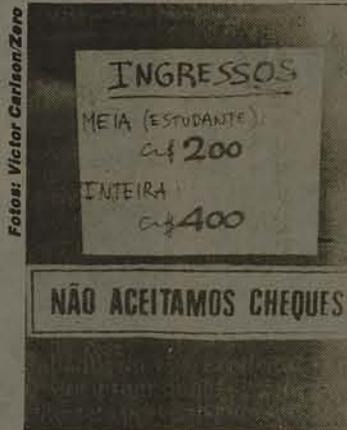
Como nenhuma das manifestações havia impressionado as autoridades, os agricultores resolveram apelar para uma medida mais radical: a greve de fome. A situação se resume nas palavras do grevista Luiz Puntel: "é lamentável ter que tomar essas medidas para sensibilizar as au-

toridades".

Com o objetivo de conseguir a aprovação da pauta pelo governo federal, foram a Brasília o governador Wilson Kleinübing, Nelson Wedekin, Dirceu Carneiro, deputados estaduais que compõem a Comissão Parlamentar Externa sobre a estiagem em Santa Catarina: Idelvino Furlanetto, Ivan Ranzolin, Antonio Ceron e Erdes Nadal, representantes de vários partidos, representantes do Movimento Sindical e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Eles não conseguiram mais do que promessas. O ministro da Agricultura, Antônio Cabreça, disse desconhecer as decisões tomadas pelo Banco do Brasil em parcelar o crédito de emergência. Negligência do governo para com os problemas do sul.

Descontente com a indiferença dos ministros, Wilson Kleinübing entrou em contato com o presidente Collor, no dia 26 de abril, em mais uma tentativa de aprovação da pauta de reivindicações. Collor achou viável a aprovação de um crédito de custeio, que liberaria Cr\$ 9 bilhões para as famílias atingidas pela seca, mas nada garantiu. Os agricultores resolveram suspender a greve por 72 horas, na esperança de aprovação da pauta. Achem que um dos objetivos já foi alcançado: sensibilizar as autoridades.

Victor Carlson e
Cristiane Cardoso



Cinema do CIC e o Art-7 cobram meio-ingresso. Os outros não



Lei da meia-entrada aguarda regulamentação

Os estudantes universitários e secundaristas conquistaram o direito de 50% de abatimento sobre os preços cobrados nos cinemas, teatros, espetáculos musicais, circos, eventos esportivos e transportes aquáticos do Estado de Santa Catarina. Embora a medida tenha sido aprovada em setembro, ainda não está em vigor por falta de regulamentação.

A UCES (União Catarinense dos Estudantes Secundaristas), juntamente com a UCE (União Catarinense dos Estudantes), apresentou no início do ano passado o projeto de lei instituindo a meia entrada, que foi aprovado pelos deputados e sancionado em setembro pelo ex-governador Casildo Maldaner.

No entanto, o governo passado não promoveu a regulamentação que consta no artigo terceiro desta lei, que deveria ser baixada no prazo de até noventa dias. A necessidade dessa regulamentação é fundamental para que esse direito seja respeitado. No momento, apenas cinema do Centro Integrado de Cultura está aceitando a apresentação da carteira estudantil para a cobrança de meia entrada.

Esse ano, a UCE e a UCES encaminharam à Assessoria Jurídica da Secretaria da Educação, Cultura e Esportes, uma proposta de regulamentação contendo os anseios dos estudantes. A minuta passou pela secretaria, depois pelo governador, a quem bastava assiná-la. Mas ele não assinou, e a minuta foi parar na Procuradoria Geral do Estado. O problema está na definição da fiscalização, que iria se dar através do Procon, para eventuais autuações. Com a entrada do novo governo, os funcionários deste órgão estão sendo remanejados e colocados em disponibilidade.

Agora a questão está nas mãos do governador, que já prometeu para a presidente da UCE, Rosane Maria de Godoy, que a solução vai se dar brevemente, com a realização de um ato público com a presença dos estudantes, para a assinatura da lei.

Mobilização — O processo para conquistar a meia entrada já vem de muito tempo. Foram realizadas grandes mobilizações estudantis por todo o estado, houve recolhimento de milhares de assinaturas, cartas, telefonemas e atos públicos. Só em Florianópolis, houve três atos, com a participação direta de cerca de dez

mil estudantes. Após o projeto ter se transformado em lei, a UCES já realizou dezessete reuniões por todo o estado, com a participação direta e indireta de cerca de duas mil escolas. Distribuíram seis mil cartazes nas ruas e deixaram quinhentas mil cópias da lei em instituições de ensino.

Para facilitar o pagamento da meia entrada, foi criada a carteira estudantil, que terá controle centralizado pela UCE. Para adquirir a carteira, basta procurar a entidade local, que pode ser o Grêmio Estudantil, o Centro Acadêmico, o DCE (Diretório Central dos Estudantes), ou a própria UCE, localizada na rua Alvaro de Carvalho, em Florianópolis.

O valor que os estudantes precisam desembolsar para a aquisição da carteira é de quinhentos cruzeiros, taxa única em todo o estado. Essa taxa será dividida em 20% para os CAS, 20% para os DCEs, 10% serão encaminhados para a UNE (União Nacional dos Estudantes), e os 50% restantes ficarão para a entidade estadual, a UCE.

Pressionar — Mas a utilização da carteira para o pagamento da meia entrada só acontecerá quando for regulamentada a aplicabilidade da lei. E novamente não faltam pressões para que isso aconteça; vêm sendo feitas através de documentos encaminhados ao governador e idas constantes de estudantes à Secretaria da Educação. Um abaixo-assinado que circulou no Encontro Estudantil Estadual da UCE, em Criciúma, nos dias 13 e 14 de abril, também foi enviado ao governador, reivindicando a urgência da regulamentação da lei.

Porém, o descaso do Governo para com os estudantes catarinenses acontece de forma explícita e sem nenhuma vergonha. Afinal, a promessa de sancionar a lei se repete a cada documento enviado ou movimento realizado. Como a passeata que aconteceu no dia 27 de março, reunindo escolas estaduais e federais, que além de querer impedir o início do processo de privatização brigava também pela cobrança da meia entrada. Em vez de exercer seu dever de baixar as normas regulamentares, o governo ignora a pressão das entidades estudantis, que assim ficam limitadas em seu direito de acesso fácil ao lazer e à cultura.

Sara Isabel Caprario



Criciúma põe multidão na praça central

Dez mil pessoas participaram do ato público do Dia do Trabalhador, realizado na Praça Nereu Ramos, em Criciúma. O ato foi organizado pela CUT/SC, e deu o pontapé inicial para a preparação da greve geral, dos dias 22 e 23 de maio, contra a política do governo Collor. Sessenta ônibus de várias cidades do Estado, trazendo representantes praticamente de todos os sindicatos e federações de Santa Catarina. No ato, estavam presentes vários políticos, entre eles o senador Nelson Wedekin (PDT); os deputados estaduais Wilson Santin, Idelvino Furlanetto e Milton Mendes de Oliveira (PT); Sérgio Grandó (PCB); Lírio Rosso (PMDB) e Delman Ferreira, membro da Executiva Nacional da CUT.

A greve geral, pela primeira vez, vai ter um objetivo diferente. Não é uma greve de reivindicações, mas, um movimento onde se vai discutir os projetos do governo Collor, os rumos que vão ser dados para o país, composto por vários sindicatos. O que se está discutindo é a política nacional, o projeto nacional, coisa que nunca aconteceu antes em uma greve geral", esclarece João Carlos Nogueira, secretário-geral do Sindicato dos Bancários de Florianópolis.

Para Marcos Pacheco, membro da Comissão Provisória do PDT, não se pode deixar de fazer as reivindicações de emergência, que se referem às necessidades básicas da população. "O eixo de reivindicações do PDT, no encaminhamento da greve geral, passa pelo programa de soluções contra a fome, a carestia e o desemprego", diz Pacheco, acrescentando que há necessidades de estabilizar os preços dentro da realidade salarial dos trabalhadores e de garantir a alimentação a mais de 50 milhões de brasileiros que passam fome.

Indignação sem limite — Segundo Ineir Mittmann, presidente da CUT/SC, a greve geral vai ser uma greve de protesto. "Cada pessoa tem que fazer seu protesto de acordo com seu grau de insatisfação (...); se a indignação for maior que os limites da lei, ele tem que romper os limites", diz Ineir, argumentando que "protestar é preciso", pois o governo e os empresários não fazem nada para impedir que os trabalhadores se arrebatem. Eles não medem consequências. Por quê nos precisamos medir nossos limites?", indaga.

"Temos que pensar o Brasil como um país de Terceiro Mundo, e não como um de primeiro", declarou José Fritsch, presidente do PT/SC, indignado com a condução do país pelo presidente Collor, "que insiste em ver o Brasil como um país desenvolvido, longe da realidade nacional". Para Fritsch "qualquer governo tem que entender que acima da economia está a situação social. Tem que se dar condições para se ter uma melhor produtividade na cidade e no campo", para que a situação social não seja atropelada pelos interesses econômicos.

Os discursos do ato de Criciúma, mostram que o projeto do governo Collor provoca a recessão, aumenta o desemprego, e tem um caráter privatizante em todos os setores da sociedade, principalmente, nos setores da saúde e educação. Para Nogueira, a privatização é uma bandeira do governo que atinge toda a sociedade, e, na educação, transforma as universidades em entidades formadoras de mão-de-obra, diferente da "verdadeira função das universidades que é a busca do pensamento crítico". Nogueira diz que os estudantes devem trabalhar na greve com o conjunto da sociedade: "não dá mais para se pensar em bandeiras do movimento estudantil, mas em bandeiras sociais".

Ricardo Jacques



A "Maricut" agradeceu a população no ato público



Os trabalhadores de Criciúma encheram a Praça



Gaúcho da Fronteira concede autógrafos



Muitas famílias passaram o dia na manifestação



A mobilização não fez distinção de idade

Dia do Trabalho contra o desemprego

Causa: cerca de 50 mil operários sem trabalho no sul do Estado

O café São Paulo, no Edifício Filhinho, um casarão rosado na Rua Conselheiro Zanette de frente para a Praça Nereu Ramos, dá o primeiro sinal de vida em Criciúma, no feriado de 1º de maio. Um freguês discute com o dono do bar:

— Tu não votaste nele?
 — Não! — reage o homem amontoando maços de cigarro na prateleira.
 — Mas também não votaste no Lula.
 — Não, não cheguei a tanto. Olha, eu gosto de trabalhador, mas é pra trabalhar.
 — Então, tu não vais na CUT!
 Na outra ponta do balcão, o outro freguês folheia o *Jornal da Manhã* do matutino da cidade — e come almôndegas regadas a café. Um menino de rua pede que lhe pague um pastel. Sai pulando

de alegria e reparte o pastel com outros três, que carregam caixas de engraxates. Pela porta do bar é possível ler o cartaz de 1º de Maio colado ao poste da praça: "Mostra a tua cara". E Criciúma vai mostrando a cara, a cara de Santa Catarina, do Brasil.

Um vendedor de picolés, roupa café com leite, boné de empresa de vigilância e sapatos descadados, senta no banco da praça e olha as abelhas da campanha de sindicalização da CUT que balançam ao redor das barracões. Uma enorme faixa de pano surge entre os galhos das figueiras e flamboyants anunciando o "Dia Nacional de Protesto. Collor, caçador de empregos e salários".

— É, tô procurando emprego faz três meses — diz o picolezeiro, pensando em voz alta.

José Cardoso dos Santos sempre trabalhou em transportadoras de mudanças de móveis. Há três anos, deixou o emprego que lhe daria hoje Cr\$ 40 mil por mês e fez a sua própria mudança, de Curitiba para Criciúma. Veio para matar a saudade da mulher que tem família aqui. O cunhado Zeni Vicente dos Santos tentou arranjar-lhe emprego nas minas de carvão, "mas ele está muito-queimado porque é grevista, já foi preso. Aposentou-se agora, com 26 anos. Era furador de frente,

pegou o mal da mina, entupiu o pulmão com pó de carvão".

Depois de correr pelas minas e bater de porta em porta nas fábricas, Cardoso conseguiu "fichar-se" como vigilante. Trabalhou ainda como oficial de ferreiro e sergente na construção civil, mas a obra parou no meio, "depois do Plano Collor", e há três meses vende picolés. Hoje será seu melhor dia de trabalho e, talvez, o último.

— As fábricas de picolé já estão encostando os carrinhos porque no inverno não vendem nada.

Cardoso procura esta cidade de 180 mil habitantes a vacância de novo emprego.

— Tá difícil. Tem uma vaga num depósito de ferragem, mas o dono não quer me contratar por causa da idade, 42 anos. Pagaria Cr\$ 36 mil por mês. O problema aqui é que tem muito aposentado da mina. Tem muita firma que só quer empregar aposentado pra não pagar o INPS. Teve até uma vaga para guarda na casa do Realdo Guglielmi (dono da Companhia Carbonífera Metropolitana que quer comprar as minas da CSN-Companhia Siderúrgica Nacional, avaliadas em Cr\$ 6 bilhões). O salário era de Cr\$ 60 mil e isso era o sonho de muito peão que foi lá, mas ele só quer aposentado, para não ter compromisso.

Gari vai de São José a Criciúma para xingar governo Collor

José vestiu a camisa estampada novinha em folha, juntou a família, se enfiou num ônibus por três horas e foi fazer festa em Criciúma. Não que ele tivesse muito o que comemorar: pode perder o emprego de gari em São José e o salário de Cr\$ 35 mil só sustenta a mulher e os três filhos, porque não precisa pagar aluguel na casa onde mora, na comunidade Novo Horizonte, em Florianópolis. A festa tinha outro motivo. Era o dia do Trabalhador, 1º de Maio, e dez mil pessoas se juntaram no sul de Santa Catarina para xingar o governo Collor no ato público e no show do Gaúcho da Fronteira, promovidos pela Central Única dos Trabalhadores.

Fazia um calor de verão quando, às quatro da tarde, a lembrança dos "mortos de Chicago" avisava dos auto-falantes que o ato público estava começando. Na Praça Nereu Ramos, no Centro de Criciúma, tinha gente espalhada debaixo de árvores, escondida do sol, comendo pipoca ou chupando picolé. Não era um bom lugar para juntar uma multidão: a distância entre os prédios e as árvores forçava as pessoas a se comprimirem diante do palanque. Muita gente ficou debaixo das árvores. Os fotógrafos reclamaram porque mesmo dos edifícios era impossível enxergar todo mundo.

Debaixo de uma figueira, à direita do palanque em que se acotovelavam políticos e sindicalistas, José tomava um mate e ria da vida, cercado dos vizinhos de Novo Horizonte, que chegaram no mesmo ônibus. Dois anos atrás, votou no Collor. Agora, faz coro às vozes que defendem uma greve geral contra a política econômica do governo que a CUT convocou para 22 e 23 de maio.

Arrependimento — O homem para trás a cabeça de cabelos liso, barba rala em torno do bigodinho, olhos espertos, bem-humorado fala: "Nunca me arrependi tanto". Lembra que também a mãe, a mulher e o irmão votaram no Collor em 89. Hoje, dividem com a maioria dos brasileiros o arrependimento e a raiva de verem que o salário vale um terço do poder de compra que tinha um ano atrás.

Um plebiscito nacional, realizado pela CUT em 25 de abril, dá uma idéia dessa brabeza. De 80 a 90% dos votantes em todo o país disseram que



CUT diz que manifestação de 1º de maio foi "maior que o comício do Brizola", na campanha em 89

a vida, o salário e o Brasil, pioraram com o governo Collor. Para lutar contra a política econômica, 60% dos votantes disseram "sim" à realização de uma greve geral. O plebiscito encerrou a "Jornada de Abril" da CUT, debates e panfletagens sobre uma série de saúde, previdência, ensino público, estatais e reforma agrária, nos principais municípios brasileiros. A "Jornada de Abril" teve, também, assembleias em todos os sindicatos autistas, para discutir a proposta de greve geral.

Em Criciúma, os discursos seguem no palanque. Foram 22 durante o resto da tarde, todos falando mais ou menos a mesma coisa: críticas à política econômica que arrocha os salários e não controla a inflação; xingação geral do governo; e a solução: greve geral. Essa tal de greve vai dar certo mesmo, José?

Ele enrugou a testa larga, mas, a filha não o deixa responder: "Me dá uma nota, pai?" "Não,

minha filha, o pai já te deu uma nota. Tu já gastou?" A menina insiste, choramingona. José se irrita: "Pó, minha filha, teu pai não é marajá!". A menina, seis anos, faz um muxoxo, o pai acaba por dar a "nota", cem cruzeiros, que vão servir para lambuzar o rosto com outro picolé. Afinal, o dia é de festa.

Ah, a greve "Num sei, o pessoal tem muito medo: só se ir lá pra frente da Prefeitura, falar com o pessoal. Só se parar tudo, geral mesmo". Lá onde ele trabalha todo mundo também tem medo do desemprego e, quem quer ficar, prefere não reagir. Até os sindicalistas já perceberam que, se continuarem dentro dos gabinetes, não vai sair greve geral. Essa foi a principal preocupação dos 48 delegados que participaram da plenária estadual da CUT, no dia 26, em Florianópolis.

Homenagem — No palanque, um gaiteiro toca uma canção em homenagem aos aposentados.

Uma dupla de violeiros canta pela memória de um companheiro — o Chico Mineiro — morto com pneumoconiose, o "mal da mina", que hoje atinge 2.600 trabalhadores em Criciúma. A multidão faz silêncio: a quietude que toma conta da praça Nereu Ramos por um minuto, lembra da morte recente de outro "companheiro", o cantor e compositor Gonzaguinha.

A novidade desse ato de protesto é que os discursos acontecem no intervalo dos shows. Mesmo assim, o falatório não prende a atenção da multidão. Tem gente que só se manifesta na hora em que fala o bispo de Criciúma, Dom Osório. Um aposentado, que comia pipoca tranquilamente num banco da praça, levanta e vai ouvir mais perto do palanque a voz contida do bispo que, sem a gesticulação ou os recursos de oratória dos outros, fala da "injustiça e opressão sobre os trabalhadores".

José dá outro discurso, perto dali. Sem prestar muita atenção ao que vinha das caixas de som, corta o ar com os braços morenos falando de maracatuais, falta de dinheiro, transporte ruim. Soa alto, o homem: "Se eu fosse político, eu tirava dos ricos para dar pros pobres". E promete se filiar em algum partido político, para breve: "Não sei, eu sou analfabeto", diz, baixinho, "mas tem que participar".

A festa segue frouxa. As crianças correm sobre os canteiros, ficam encarpadas nas costas dos pais, nas marquises e até no ilustre busto de Nereu Ramos, estático no meio da multidão. Algumas barracas à margem da aglomeração vendem cartazes e camisetas da CUT, do PT e do PC do B. Os panfletos foram o chão, como um estranho tapete. Outras, vendem maçã-do-amor, pipoca churros, cachorro - quente. Da figueira, pouco mais nova que a da Praça XV, em Florianópolis — que acaba de completar cem anos — brotam bandeiras e dezenas de crianças. A sombra, os mineiros aposentados olham o movimento, como fariam os funcionários públicos, fosse na capital. O vaivém de dez mil pessoas iria deixar marcas nos jardins destruídos, nos canteiros totalmente pisados da praça principal de Criciúma.

Já passa do décimo terceiro discurso e o pessoal começa a ficar impaciente. As faixas ainda estão

de pé, e dizem algo como "O arrocho salarial é igual a uma flor roxa, que nasce no coração de um trouxa chamado Collor". Do palanque, tentam animar a plateia. É a voz reforçada de Ideli Salvatti, diretora do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina, que plagia Paulo Cintura, da "Escolinha do Professor Raimundo": "Salário é o que interessa"... Ao que a multidão responde: "O resto não tem pressa".

Falatório — Mas, é muito discurso. Falta ainda quatro intervenções antes do show e chega o carro que traz o Gaúcho da Fronteira. Por trás do palanque, centenas de pessoas esquecem o ato para cuidar os movimentos da estrela, na pouca luz que resta antes de anoitecer. O José traz a família para ver de perto, se mistura à multidão irrequieta. "E agora vai falar o companheiro Ineir Mittmann, presidente da Central Única dos Trabalhadores de Santa Catarina", anuncia o "apresentador", presidente de um sindicato da capital.

Ninguém agüenta mais. Mittmann promete: "Vou falar só quatro minutos..." Vacila, parece que vai dizer "se eu não falar, não tem o show", como fez o sindicalista que falou antes dele. Os quatro minutos são recheados de vaias e assobios. A multidão quer festa. São seis da tarde e Mittmann encerra o ato, convocando todo mundo para paralisar o Brasil durante a greve geral de 22 e 23 de maio.

Dez mil pessoas agora ouvem com atenção, na maior manifestação da história de Criciúma, "maior que o comício do Brizola", anunciam os organizadores. Seria, também, uma das maiores manifestações do Dia do Trabalhador em todo o país, mostrariam os jornais do dia seguinte.

As faixas e as bandeiras descem enroladas até o chão. E, de repente, o Gaúcho da Fronteira, sorrindo, polegar em riste, para agrado dos fotógrafos. Beija as crianças, aperta as mãos, toma o microfone e canta: "Por que eu não quero deixar para o meu filho a pampa pobre que herdei do meu pai".

Da Praça Nereu Ramos, sobe o denso ruído de dez mil pessoas, que aplaudem.

Geraldo Hoffmann

Jacques Mick

Ingresso caro e péssima qualidade

Cinéfilos vivem drama sem fim em Florianópolis

Apagam-se as luzes... o projetor é ligado... emoção geral na platéia... o filme está começando!

Quem não se lembra, ou jamais imaginou, a emoção de estar numa matinê nos "tempos da brilhantina", onde os filmes eram apresentados em salas cinematográficas lotadas, a jovens, crianças e casais, que faziam dos cinemas um dos lugares mais frequentados.

O tempo vai passando, mas as coisas não mudam muito em Florianópolis, onde as opções de lazer são poucas e os amantes da sétima arte sentem sua paciência se esgotando, com a péssima situação em que se encontram a maioria das salas cinematográficas da cidade que, parece, não acompanharam as evoluções dos anos recentes.

Poucos são os cinemas que possuem suas instalações em bom estado como é o caso do **Cine Itaguaçu**, que foi completamente reformado e reinaugurado a pouco mais de um mês. Possui atualmente um dos mais modernos projetores que há no mercado e uma tela nova, que proporciona melhor qualidade de imagem. A sala foi acarpeta e seu sistema de ar condicionado está em pleno funcionamento.

Um de seus problemas é o pouco espaço que há entre as fileiras de cadeiras. Mesmo diminuindo o número de poltronas, o desconforto não seria resolvido, pois, como justifica seu gerente, o impasse "está no projeto do prédio, impossível de ser alterado".

Improviso — Alguns cinemas de Florianópolis funcionam em prédios que não foram projetados para esta finalidade. É o caso de **Cine Carlitos**, onde suas 280 poltronas não estão distribuídas em estilo anfiteatro. Apesar de tentativas, foi impossível instalar um sistema de ar condicionado diante de recusa dos responsáveis pelo Terminal Urbano, que fica nos fundos da sala, em ceder o espaço necessário para a implantação do equipamento. Resta, então, um precário sistema de ventilação, que não chega a atingir a parte superior. Além de tornar insuportável a permanência no mezanino em dias mais quentes, é preciso suportar o ruído excessivo dos ventiladores.

Ainda neste mês será feita uma reforma no **Cine Carlitos**, que inclui a instalação de som dolby-stereo, para a estréia do filme "Dança com Lobos", diz o gerente Alair Santana, que se mostra muito otimista com o provável sucesso de bilheteria do filme.

O **Carlitos** é uma das poucas salas que apresentam boas con-

dições de higiene, com banheiros limpos e material necessário. O que não se observa no **Cine Art 7**, que possui banheiros em péssimo estado. Com capacidade para 180 pessoas, funciona há aproximadamente cinco anos, em modestas instalações, num prédio cedido pela Prefeitura Municipal e é, basicamente, sustentado por sua bilheteria.

Por seguir uma programação artística, destinada a um público mais exigente, o número de pessoas que frequenta o **Art 7** é pequeno. "Há sessões com apenas três ou quatro pessoas. Muitas vezes tiramos dinheiro do bolso para a manutenção do cinema. É uma situação difícil, mas a gente sempre tem esperança de que vá melhorar". O **Art 7** "ainda não fechou, pelo amor que temos ao

passeando por seus pés. A última dedetização do **Ritz** foi feita há dois anos.

O **Ritz**, atualmente possui 510 poltronas e vai passar por uma reforma completa em junho. Como diz seu proprietário, antes sempre houve dificuldade em mexer no prédio, pois ele foi tombado pelo Patrimônio Histórico e os trabalhos de reforma devem ser cuidadosos, para que não seja alterada a forma original do prédio.

Espelunca explícita — Outro cinema que se encontra em estado de abandono tão explícito quanto sua programação, é o **Scala**, que tem previsão para ser fechado em breve. O forro pode cair a qualquer momento sobre a cabeça de seus espectadores aficionados no cine pornô, que

três anos, quando foi instalado som dolby-stereo e reduzido o número de poltronas para 669 lugares. Contudo, o seu sistema de segurança não é perfeito. Há até entulhos obstruindo as saídas de emergência.

Risco eminente — A situação mostra-se mais crítica no **Cine Cecomtur**, que possui 316 lugares. A segurança do Corpo de Bombeiros constatou diversas irregularidades: extintores vencidos e inutilizados, a saída de emergência sempre fechada, e atrás da tela materiais inflamáveis. "Em caso de incêndio no **Cine Cecomtur**, poderia ocorrer uma grande tragédia" diz o tenente Florença, do Corpo de Bombeiros, após vistoriar o cinema.

processo é demorado e pode tramitar muito tempo na justiça, e cair no esquecimento. "Nunca ocorreram problemas com os cinemas de Florianópolis, pois a maioria sempre se encontrou em situação regular", diz Antonio Carlos Vieira, engenheiro da Divisão de Fiscalização e Obras da SUSP.

Falta de Educação — Já Mário Leopoldo dos Santos Jr., um dos proprietários da maior rede cinematográfica da cidade, que abrange os **Cines Cecomtur, Ritz, São José, Scala e Itaguaçu**, e que vai inaugurar mais dois cinemas no **Beira Mar Shopping**, afirma: "Se meus cinemas não apresentassem condições de funcionamento, os fiscais já os teriam fechado." Ele alega que na



cinema, à arte e à cultura", desabafa Darci Costa, um de seus administradores.

Pouco estudante? — Outro cinema que segue uma linha artístico-cultural é o do **Centro Integradado de Cultura — CIC**. Fundado em 1984, e com capacidade para 200 pessoas, possui um público maior, que usufrui de suas condições oferecidas: um ar condicionado que funciona mas com poltronas desconfortáveis. Sua tela não está em bom estado e seus projetores a carvão datam de 1964. Juntamente com o **Art 7**, o **CIC** oferece meia entrada para estudantes, mas em ambos, eles pouco aparecem.

Ao contrário do **CIC**, que possui boas referências, o **Cine Ritz** carrega a fama de ser o pior da cidade. E não é por acaso, afinal são diversos os seus problemas: infiltrações, falta de higiene, lixo, assoalhos podres, carpetes em estado deplorável, mofo, muitas goteiras, instalações elétricas precárias e até ratazanas

segundo a capacidade do cinema, podem chegar a 466 pessoas por sessão.

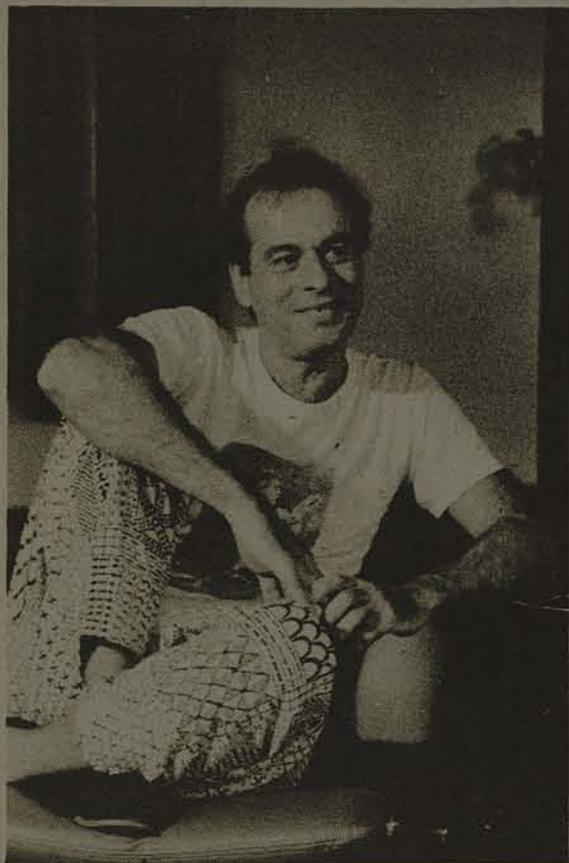
A fachada do **Cine Scala** não é nada convidativa, o cinema não é acarpeta, não possui sistema de refrigeração, apresenta péssimas condições sanitárias, há extintores com prazo vencido e as saídas de emergência não são bem localizadas. O sistema elétrico não oferece segurança, podendo causar um acidente a qualquer momento.

Mesmo não estando em estado tão ruim quanto o **Scala**, um problema aconteceu recentemente no **Cine São José**. "Aqui a instalação elétrica é boa, só que tinha uns fiozinhos desencapados e aí deu um liga. O jogo subiu pelas paredes, e foi um Deus nos acuda. Quase que eu vi tudo pegar fogo. Ainda bem que não era hora de sessão", relatou um funcionário. Fora estes eventuais problemas, o cinema encontra-se em bom estado, pois sofreu uma reforma há apenas

Atualmente são realizadas vistorias para verificar a segurança dos cinemas. Das irregularidades constatadas no **Cine Cecomtur** no ano passado, os bombeiros observaram que poucas foram corrigidas. No entanto afirmam não possuir a responsabilidade caso ocorra um acidente, alegando que suas funções são apenas vistoriar e enviar o relatório para a Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos (SUSP), que é o órgão "competente" da prefeitura. Na SUSP é feita uma análise do relatório, para verificar se atende às exigências contidas no código de edificações da legislação municipal. Se for constatada alguma irregularidade, o estabelecimento é comunicado, e é estipulado um prazo para que os reparos sejam feitos. Não sendo cumprido o que foi determinado, o caso é enviado para a Divisão de Serviços Públicos, que tem o poder de multar e até mesmo de interditar o estabelecimento. Mas o

atual conjuntura é muito difícil fazer grandes investimentos nas salas cinematográficas. "As taxas de impostos são muito altas, e o preço dos ingressos baixos, se compararmos aos dos grandes centros." Quanto a má situação das instalações de seus cinemas, Mário culpa o mau comportamento de público: "Não sou eu quem traz giletes ao cinema para cortar os estofados, nem jogo cigarros no chão, ou colo chicletes nas paredes." — justifica-se. Porém não se mostra interessado em fazer uma campanha de conscientização junto aos frequentadores: "Acredito que a educação vem de casa, e é muito difícil mudar a mentalidade das pessoas."

Viviane de Araújo
Nelson Correa



Fotos: Raquel D'Avila/Zero

Ney muda de estilo, outra vez

Aqui ele fala disso, do público, Aids, política e do final de carreira

Aos 49 anos o cantor e ator Ney Matogrosso é muito diferente daquele intérprete semi-nu que investia agressivamente, escondido por uma maquiagem farsesca no trio Secos & Molhados de seu início de carreira. Ele confessa que o tempo amadureceu suas idéias. É o que revela esta rápida entrevista realizada durante sua passagem por Florianópolis, no início de abril, quando apresentou seu show ao lado do violonista Rafael Rabello. Um show de 1h20min que lotou o teatro do CIC e deixou muita gente na rua, quando interpretou principalmente sucessos dos anos 40 e 50 ou clássicos da época dos Secos e Molhados. Como relata a repórter, "no princípio exibia o corpo e camuflava o coração. Hoje, já não mostra mais o peito mas despe suas emoções".

Como é o seu novo disco?

Ney Matogrosso — "A Flor da Pele" é menos formal que "Pescador de Pérolas", no qual eu participava apenas com a minha voz. Neste eu brinco mais, quase danço. Meus compositores agora são da década de 40: Herivelto Martins, Cartola, Noel Rosa, Ary Barroso, em clássicos da música popular brasileira. Não foi resultado de um trabalho de

pesquisa, apenas da memória, aquilo que eu ouvia meu pai cantarolar e escutar no rádio.

Como o público jovem está recebendo estas músicas?

Ney — Fiquei surpreso com a atitude dos mais jovens. Achei que iriam cantar esse repertório. Acontece que eles vêm e perguntam: "Como você conseguiu um repertório inédito e tão bonito?". Muitos nem sabem que as músicas já haviam sido gravadas por outros intérpretes. É injusto estas músicas não chegarem aos ouvidos das pessoas.

Por que só agora você aproveita estes clássicos da MPB?

Ney — Eu sempre tive vontade de colocar estas músicas antigas em meus discos. Por exigência das gravadoras, isso era difícil. Estava há três anos da CBS e pedi rescisão de contrato, o que foi difícil. Quando me liberaram, eu fiz este show com o Rafael Rabello. Nós gravamos e vendemos o material para a Som Livre. Com a Som Livre eu tenho contrato apenas para este trabalho. Isso é o que interessa. Não quero ficar preso a nenhuma gravadora. Agora, quando eu tiver um trabalho para apresentar, ofereço para elas.

Por que você não investe em excursões ao exterior?

Ney — Minha relação com o público não é superficial. Eu sou brasileiro, moro aqui e, por acaso, sou artista. Por isso faço o que pode ser útil aqui no Brasil. Como começou sua carreira?

Ney — Tudo começou quando eu tinha 20 anos e morava em Brasília. Um dia veio uma coisa na minha cabeça que não sei explicar. Me ofereceu duas opções de vida: um caminho espiritual, ligado para dentro de mim mesmo ou o mundo. Eu optei pelo mundo, embora ache que a gente dê muitas voltas para satisfazer um instinto espiritual, de querer saber mais coisas.

Que relação você tem com a política?

Ney — Não me interessa. Não vejo humanidade na política. A política deve ter por base o ideal de melhorar a vida dos cidadãos. Isso não acontece. Para mim não existe política no Brasil.

Você é mais um artista que levanta a bandeira ecológica. É uma moda?

Ney — A ecologia não é uma moda. Mas se ela estiver chegando desta forma, que bom que esta moda chegou! A ecologia é a forma de você pensar na sobrevivência do homem no planeta.

Para você a AIDS mudou o modo de vida dos artistas?

Ney — A AIDS não alterou só o comportamento dos artistas, mas de toda a sociedade. A AIDS vem junto com a emanci-

pação e liberdade sexual da humanidade, mas não se pode abrir mão do que foi conquistado. É preciso que se pense mais agora, selecionando os companheiros.

Como foi a sua experiência com o Santo Daime?

Ney — Achei o Santo Daime uma experiência bastante interessante. É preciso que a pessoa

saiba o que quer antes de chegar nele. Se você quer uma droga para ficar doidão, vai se arrepender, porque o Santo Daime não é para brincar. Não fique na superfície, que você vai se dar mal. Eu tomei um ano seguido, mas há dois que parei.

As antenas do Ney Matogrosso têm absorvido algo do rock brasileiro para suas músicas?

Ney — Eu não tenho prestado atenção. Não tenho ouvido muita coisa. Eu tenho uma casa no mato e prefiro ficar lá. Não levo nem rádio. Quero ficar em silêncio.

Você é um homem apaixonado?

Ney — Eu sou muito controlado, porque minha vontade é fazer loucuras. Meu impulso é cometer desatinos, por isso estou sempre me controlando. Eu nunca curti muito a paixão, porque sempre tive muito medo de me aproximar dela.

Um dia você disse que pretendia encerrar sua carreira com esplendor. Isso mudou?

Ney — Eu sempre imaginei que o esplendor tinha a ver com a performance física no palco. Hoje eu vejo que não é bem assim. O limite é bem mais amplo, mais refinado. Descobri que não dependo apenas do meu físico para poder cantar. Tenho muitos projetos ainda e um deles é escolher um compositor e interpretar apenas a suas músicas.



Entrevista: Kátia Klock

Ana Cláudia Menezes



CINEMA

Filmes franceses no CIC vão até o final de junho

A mostra de cinema francês que iniciou no final de abril no Centro Integrado de Cultura é o maior destaque do mês de maio em Florianópolis. Os horários das sessões são um pouco confusos, mas você pode ligar para 34-2166 e se informar. A mostra vai até o dia 30 de junho com 15 obras, mas adiantamos para você os filmes de maio:

Cyrano (2h15, cores) — O mais comentado dos filmes exibidos nesta mostra. Dirigido por Jean-Paul Rappeneau em 1990, traz o ator Gérard Depardieu no papel de Cyrano de Bergerac, lutando pelo amor da bela Roxane, interpretada por Anne Brochet. Baseado na peça de Edmond Rostand, esta obra já foi transportada para o cinema e para o teatro várias vezes. Em 1950, na versão norte-americana José Ferrer ganhou o Oscar de melhor ator. Para o Oscar deste ano, "Cyrano" teve cinco indicações, inclusive o de melhor ator e filme estrangeiro. Acabou ficando com o de melhor figurino. Até o dia 12 de maio, domingo.

O Corvo (Le Corbeau, 1h40, PxB) — Realizado em 1943 por Henri-Georges Clouzot, a história deste filme, considerado uma obra preciosa da cinematografia francesa da década de 40, se passa numa cidadezinha onde várias pessoas começam a receber cartas anônimas, provocando uma onda de suicídios. No elenco, Pierre Fresnay e Ginette Leclerc, num de seus melhores papéis. Somente dias 10 e 12.

"A Vida e Nada Mais" (La Vie et Rien D'Autre, 2h18, cores) — Dirigido em 1989 por Bertrand Tavernier, o mesmo de "Um Domingo no Campo", "Por Volta da Meia-Noite" e "A Lei de Quem Tem o Poder". É história de duas mulheres, Irène (Sabine Azéma) e Alice (Pascale Vignal) que partem em busca de seus amores, terminada a 1ª Guerra Mundial. O comandante Dellaplane (Phillipe Noiret), diretor do departamento de busca e identificação dos militares desaparecidos, aproxima-se das

duas mulheres e se apaixona por Irène, tendo como plano de fundo a reconstrução de uma vida a dois, depois da destruição de uma guerra. De 11 a 19 de maio.

O Fabuloso Destino de Desirée Clary (Le Destin Fabuleux de Desirée Clary, 1h30, PxB) — Realizado em 1942 por Sacha Guitry, conta a história de Desirée Clary, interpretada por Geneviève Gutry, que se casa com Napoleão Bonaparte antes de ir para a guerra. O casal se separa e cada um se casa novamente. Desirée resolve se vingar de Napoleão. Somente dias 17 e 19 de maio.

Boda Branca (Noce Blanche, 1h33, cores) — É a história de um professor de filosofia de meia-idade, François (Bruno Crémer) e sua aluna Mathilde (a jovem cantora Vanessa Paradis, sucesso na França), uma espécie de garota-problema. O diretor Jean-Claude Brisseau foi revelado com o filme "Clamor e Fúria" (De Bruit et de Fureur, 1987), cujo tema, a adolescência e a transformação para a idade adulta, é o mesmo deste exibido no CIC, de 1989. De 18 a 26.

Dia 10, sexta-feira, é a última oportunidade para quem quiser assistir a Mostra de Cinema Alemão, com filmes do Pós-Guerra, no Teatro da UFSC, às 12h30 min.

ARTE

Pernambucanos na Galeria da UFSC ficam até dia 24

A Galeria de Arte da UFSC está com uma programação variada para maio. A partir do dia 7 até o dia 24, recebe as telas abstratas de três artistas pernambucanos: Fernando Kehrlé e Silva, José Aurélio dos Anjos e Cristiano Artur da Silva. Depois do dia 28, o artista ilhéu, Hermínio Menezes Neto expõe 20 esculturas e 59 pinturas. A galeria abre diariamente das 9 às 19 horas. (ACM)

TEATRO

Burguês Fidalgo tem ingressos pela metade do preço

A peça **O Burguês Fidalgo** está sendo apresentada de sexta a domingo até o dia 10 de julho, sempre às 21h, no Teatro da UFSC. É uma livre adaptação da obra "Le Bourgeois Gentilhomme" do francês Molière, dirigida por Carmem Fossari e encenada pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo. Os ingressos em certos pontos de venda tem 50% de desconto.



Rogério Reis/R0



Ed Viggiani/R0

Cenas do cotidiano urbano por Rogério Reis e Ed Viggiani ou do ensaio Ponte Aérea de Eduardo Simões



Eduardo Simões/R0

FOTOGRAFIA

Mais de 60 fotos só de feras do fotojornalismo

Cinco Anos de Fotojornalismo — Para comemorar cinco anos de reforma gráfica e editorial, a premiada Revista Goodyear promove a mostra de mais de 60 fotos produzidas, entre outros, por feras como Cristiano Mascaro, Ed Viggiani, João Farkas, Ricardo Chaves ou Walter Firmo, que está exposta até o dia 17 de maio no saguão da Reitoria da UFSC, diariamente das 8 às 22 horas. É uma mostra imperdível porque além de reunir material eminentemente fotojornalístico traz ensaios (ou parte deles) de outros profissionais reconhecidos no centro do País como seu editor Eduardo Simões, Márcia Ramalho, Maurício Simonetti ou Renata Falzoni entre outros. A mostra, inaugurada em agosto de 90 na Galeria Fotoptica, em São Paulo, percorre agora o país. São belos registros feitos especialmente para a trimestral revista Goodyear, *Louse* feita para o público externo da empresa, que marca sua presença no mercado editorial brasileiro não só pela qualidade de seus textos quanto pela excepcional valorização de seu material fotográfico. Não perca.

Jornalismo vira pauta com Imprensa na TV

Mas programa teima em imitar a revista

Imprensa na TV, a revista da Feeling Editorial que foi parar na telinha, é só riso. Ou sorriso. O jornalista-apresentador-e-âncora-ambulante Marco Antonio Rocha, muito afeito a temas econômicos em outros tempos de televisão, enche e preenche a programação final das terças-feiras no Sistema Brasileira de Televisão, o SBT, com perguntinhas simpáticas a seus entrevistados e pouca objetividade. "Imprensa na TV" ficaria melhor na própria revista "Imprensa", que a editora publica mensalmente, do que na sua atual versão de jornalismo televisivo.

O programa vai ao ar toda a semana estruturado em seis blocos. O primeiro é sempre um debate com as estrelas do jornalismo brasileiro, diretores de jornais, editores, âncoras, repórteres famosos. Depois vem uma entrevista com um jornalista e, na sequência, é abordado um assunto relacionado com a profissão. Da metade para o final, após a crônica insossa de Luiz Romagnoli, o programa melhora: Moacir Japiassu faz um apanhado das melhores "barrigadas" de nossos coleguinhas e dos jornais. **Imprensa na TV** encerra ao redor de uma mesa de bar, normalmente com uma entrevista de um profissional que atua como jornalista e em outra atividade.

Descontração — O clima tipo "conversa descontraída" entre Marco Antonio e seus convidados é o que prejudica a arrancada inicial de cada edição do programa. Na terça-feira, 23, por exemplo, o diretor do Jornal da Tarde, Fernão Mesquita, e o diretor da sucursal em Brasília do Diário Popular, Edgar Lisboa, divagaram sobre "aquilo roxo" do presidente Collor e a relação intempestiva dele com a imprensa. Fernão Mesquita se perdeu no seu desconhecimento real sobre o assunto e Edgar Lisboa disse que a relação Collor x imprensa é uma droga, mas que "os ventos atuais" apontam uma perspectiva boa. No vai e volta do assunto, quem ficou devendo foi Marco Antonio. Parecia ter encontrado

velhos amigos para um bate-papo, sem dar-se conta de que o telespectador estava do outro lado do vídeo, querendo saber mais sobre o assunto.

No programa inteiro Marco Antonio foi só sorrisos, tipo Leda Nagle conversando com seus ídolos na Manchete — 1ª edição aos sábados. De todo o debate, o que sobrou foi só uma alfinetada de Fernão Mesquita no presidente, dizendo que aquele negócio de saco roxo é papo de quem não tem competência no assunto. A partir daí, **Imprensa na TV** entrou em declínio até a chegada de Moacir Japiassu acompanhado do seu alterego "Janistraquis". A forma como Japiassu imortaliza o besteiro diário de jornalistas e editores, compensa a longa espera pelo programa que começa na madrugada de quarta - 01h00.

Mancada — Na edição da terça 23, ele detonou o "Caderno B" do Jornal do Brasil e suas erratas. O centenário jornal carioca primeiro referiu-se ao novo filme de Julia Roberts chamando-o de "Dançando com um Estranho". Corrigiu no dia seguinte, para "Dançando com o Inimigo", quando na verdade o filme foi em titulado "Dormindo com o Inimigo".

Por falar em "erramos", nem o **Imprensa na TV** escapa. Na entrevista com o jornalista Armando Rollemberg, desde janeiro passado eleito para a presidência da Organização Internacional de Jornalistas (OIJ), entidade com federações afiliadas em 127 países e sede em Praga, na Checoslováquia, Marco Antonio sentiu o drama que é falar besteira em público. Confundiu o antigo Congo Belga, na África central, com o Zimbábue, que fica na África austral. O Congo Belga, na verdade, passou a se chamar recentemente de Zaire, e Marco Antônio mordeu a língua. Nem o próprio Rollemberg, por descuido ou também ignorância, redimiu a babada.

Nelson Lorenz

Antologia pop retoma músicas de Cole Porter

A música sempre conseguiu levantar as mais diferentes bandeiras com sucesso. **Red, hot + blue** é uma campanha de prevenção à AIDS que reúne vários talentos da música pop atual, todos interpretando canções compostas por Cole Porter (1891-1964). Em vez de lotar estádios, seus produtores preferiram investir em um bem cuidado álbum duplo e um vídeo recheado de belos clips com as interpretações de 21 sucessos do célebre compositor americano.

A escolha de Cole Porter é mais que justificada: ele foi o maior autor dos anos 30 nos Estados Unidos, quando chegou a escrever mais de 25 musicais para a Broadway. Porter continuou compondo até os anos 50, mas suas canções são conhecidas até hoje através de dezenas de intérpretes e versões. Um os casos mais clássicos é o de "Begin the Beguine". Porter, também, foi o autor de trilhas de filmes como "Alta Sociedade" (High Society, 1956), onde Frank Sinatra, Bing Crosby e Louis Armstrong emprestam suas vozes para as inspiradas letras do compositor.

Enquanto não chega à cidade a versão integral do vídeo de **Red, hot + blue** pela BMG (que deve sair ainda esse mês a Cr\$ 7.500,00), os mais precavidos puderam gravar ao menos 14 das músicas do disco, incluídas no programa apresentado pela Globo em dezembro.

Metamorfose — O mérito da iniciativa não está só na campanha anti-AIDS ou na homenagem a Cole Porter no centenário do seu nascimento. O melhor de tudo é ver a roupagem nova que suas canções românticas ganharam. O ritmo transformou-se em rap, rock, soul e até afro-music. As letras adocicadas metamorfosearam-se em advertências com frases do tipo "use camisinha" ou "compartilhe seu amor, não sua seringa".

O programa apresentado pela Globo trouxe os clips com as interpretações de David Byrne ("Don't fence me in" - 1944), The Neville Brothers ("In the still of the night" - 37), The Jungle Brothers ("I get a kick out of you" - 34), Annie Lennox ("Everytime we say goodbye" - 44), Neneh Cherry ("I've got you under my skin" - 36), Debbie Harry e Iggy Pop ("Well, did you Evah" - 56), Lisa Stansfield ("Down in the dehs" - 36), Les Negresses Vertes ("I love Paris" - 52), Sinnead O' Connor ("You do something to me" - 29), K. D. Lang ("So in love" - 48), Kirsty MacColl e The Pogues ("Miss



Sinnead: estereótipo sex-símbol em You do Something to me



Otis regrets", "Just one of those Things" - 34 e 35), U2 ("Night and day" - 32) e Ton Waits ("It's all right whit me" - 53).

Todos os intérpretes guardam seus estilos habituais: The Jungle Brothers fazem o rap batido, Iggy Pop continua irreverente, U2 faz o gênero messiânico. Talvez a maior surpresa seja o batom e a peruca loira de Sinnead O' Connor, cantando à meia-voz e à meia-luz, reproduzindo o clima noir dos anos 30.

competente — Apesar de estilos e técnicas diferentes, os clips têm em comum o cuidado estético. Cole Porter ficaria embasbacado de ver o tom lúgubre

que Neneh Cherry deu a "I've got you under my skin", o rap onde um musculoso modelo negro dança com uma peruca cobrindo seu rosto, vestido de preto da cabeça aos pés. David Byrne transformou "Don't fence me in" numa batucada que mistura músicos e instrumentos brasileiros a violinos e gaitas. Dá vontade de sair gingando. Tom Waits usa e abusa da voz rouca e de uma câmera tremelicante em "It's all right whit me". São as melhores e mais personalizadas versões do vídeo.

A xaropada ficou por conta de Annie Lennox e K. D. Lang, que optaram pelo lamento choroso e pelo pouco movimento em seus clips.

Mesmo assim, quem assiste ao vídeo de **Red, hot + blue** sai ganhando, porque ainda restam coisas como a voz aveludada dos Neville Brothers ou os violões ciganos do francês Les Negresses Vertes em "I love Paris", um dos grandes sucessos de Cole Porter. O resto é simplesmente bom ou competente.

Quem comprar o vídeo da BMG terá ainda Salif Keita ("Begin the beguine" - 1935), The Fine Young Cannibals ("Love for sale" - 30), The Thompson Twins ("Who wants to be a millionaire" - 55), Erasure ("Too darn hot" - 49), Jimmy Somerville ("From this moment on" - 50), Jody Watley ("After you who?" - 32) e Aztec Camera ("Do I love you?" - 39), até o momento acessíveis apenas no excelente álbum duplo lançado pela EMI.

Nilva Bianco

Miséria, engajamento, fama

“...Eles fazem o mundo tão difícil / Todos os dias nós continuamos brigando / Eles fazem o mundo tão difícil / Todos os dias pessoas estão morrendo...” (“One Drop”).

Lá se vão dez anos. Agora eles deixaram tudo ainda mais difícil. Mais e mais pessoas brigam sem saber por quê. Bob Marley morreu no dia 11 de maio de 1981, e sua música continua incomodando o sistema, criando raízes e trazendo a esperança de que nem tudo está perdido.

No dia seis de fevereiro de 1945, na paróquia de Sant’Anna, norte da Jamaica, nasce Robert Nesta Marley, filho de um capitão branco inglês e de uma nativa negra. Logo depois, o pai abandona a família. Bob cresce no campo, tomando leite de cabra e ajudando a plantar café e banana. Os amigos às vezes vêm com aquela pergunta incômoda:

— Onde é que está o seu pai, Bob?

— Não me lembro dele, só escuto falar que morreu.

“...Eles dizem que o sol / brilha para todos / mas para algumas pessoas no mundo / ele nunca brilha...” (“Crisis”).

É 1954: a Jamaica está com sua economia agitada pela exploração da bauxita. Bob Marley tem nove anos, e uma decisão muda tudo, a mãe quer ir para a capital, porque lá tem mais emprego e coisa e tal. Kingston recebe todos os dias novos migrantes e a cidade já não tem mais para onde crescer. Tudo se resolve, é só fazer um aterro lá onde é jogado o lixo e pronto. De um dia para o outro brotam as favelas de Trenchtown, Ghost-Town e Dungle. A família vai morar em Trenchtown.

“... Eu me lembro quando a gente / ficava sentado / num parque público em Trenchtown / observando os hipócritas...” (“No Woman No Cry”).

Aos dezesseis anos Bob Marley larga tudo, família escola, e vai morar com um amigo, Bunny Livingstone. Depois que volta do emprego em uma oficina de solda elétrica, Marley aprende com o amigo as primeiras notas musicais. O reggae está começando a aparecer na Jamaica (veja box sobre reggae). Em 1962, surge a primeira gravação graças ao cantor Jimmy Cliff, que apresentou Marley ao diretor da gravadora Beverley.

“... Jonnie, você está mal, / está roubando, esfaqueando, saqueando...” (“Jonnie too Bad”, sucesso dos Slickers).

Na Jamaica do começo dos anos sessenta o que existe é pura efervescência social e musical. Os sound systems estão por toda parte. São caminhões equipados com aparatos de som que fazem a festa da rapaziada negra. O ska, ritmo envolvente e sensual, é a febre do momento.

Os sound systems são a alternativa de divertimento para os negros que estão marginalizados e sem emprego pelas ruas de Kingston, os chamados “rude boys”. Marley e o amigo Livingstone conhecem Peter Tosh e decidem formar o “Wailing Rude Boys”, depois mudam o nome da banda para “Wailing Wai-



Bob apoiou Manley contra Seaga



O filho Ziggy: herdeiro

lers”, e definitivamente “Wailers” — os lamentadores.

“... Esqueça seus problemas e dance / Esqueça suas tristezas e dance / Esqueça sua doença e dance / Esqueça sua fraqueza e dance...” (“Them Belly Full”).

A música dos Wailers é diferente do ska por assumir um caráter mais espiritual e político. Logo a banda conquista Kingston. Marley é o principal compositor dos Wailers, e nas suas músicas há sempre a preocupação social. Os “rude boys” começam a idolatrar a banda.

“... Revelação, revela a verdade / Revelação / É preciso uma revolução / para

se chegar a uma solução...” (“Revolution”).

Na Jamaica de 1967, o reggae é a música oficial dos oprimidos. As novas composições de Bob estão ácidas e começam a incomodar as autoridades. E tem mais a exploração e a pirataria dos produtores de discos. Mesmo fazendo sucesso os Wailers passam por dificuldades financeiras.

Os irmãos, Carly Barret (baterista), e Aston “Family Man” Barret (baixista), entram para os Wailers. A banda troca de produtor e grava dois LPs, *Soul Rebel* e *Soul Revolution*, e mais um compacto simples. As composições de Marley e Peter Tosh retratam a fome das crianças da Jamaica, a opressão dos negros, os distúrbios das ruas de Kingston.

“... Construimos suas cadeias, / construimos suas escolas. / Educação, lavagem cerebral / para nos fazer de tolos...” (“Crazy Baldheads”).

No começo dos anos setenta um jamaicano branco, Chris Blackwell, monta uma gravadora chamada Island Records. Bob Marley e os Wailers assinam com a nova gravadora em 1971. No mesmo ano, Blackwell consegue organizar uma pequena excursão para a Inglaterra. Com o dinheiro, os Wailers podem pagar um bom estúdio em Londres e gravam o LP *Catch a Fire*. O novo disco teve excelente aceitação na Inglaterra.

“... O sol pode não me encantar de dia / nem a lua de noite, / e tudo que eu fizer deve ser / positivo e correto...” (“Night Shift”).

É 1972: existem cerca de 150 mil rastafaris na Jamaica. Os brancos não escondem o preconceito chamando os negros de plebe drogada e fora da lei. As duas principais fontes de renda do país, a bauxita e o turismo, estão em baixa. Grande parcela da classe média jamaicana se manda para os Estados Unidos. É véspera de eleição e o governo não quer saber do reggae nas rádios.

O candidato a primeiro-ministro pelo Partido Nacional do Povo (PNP), Michael Manley, vê no reggae e nos rastafaris uma grande fatia do eleitorado. O “jingle” adotado por Manley é um reggae. “Vou legalizar a ganja (maconha)...”, discursa o candidato em cada comício. Aplausos dos rasta, já cansados da perseguição contra o porte da erva que para eles é sagrada.

O movimento “Black Power” está em alta e a situação econômica da Jamaica é desesperadora. Michael



David Burnett/Contact

Sofreu atentado em 76 pelo apoio ao socialista Manley

Manley aproveita o momento e ganha as eleições. Como sempre, as promessas são só promessas mesmo. “Eu não me dou com políticos, minhas canções têm a ver com o bem e a verdade”, declara Bob.

“... Alguém te odeia / Fingindo amar você agora...” (“Who the Cap Fit”).

O segundo LP dos Wailers, *Burnin*, contendo a faixa “I Shot The Sheriff”, é lançado em seguida. Eric Clapton grava a música em 1973 no LP *461 Ocean Boulevard*. Marley fica conhecido mundialmente. Os Rolling Stones também aportam na Jamaica. Peter Tosh conhece os astros do rock, e depois de uma excursão dos Wailers pela Europa e Estados Unidos, abandona o grupo e parte para uma carreira solo com grupo próprio.

“... Existe um mistério natural / indo com o vento, / se escutar com atenção, você o perceberá. / Esta pode ser a primeira trombeta, / pode também ser a última...” (“Natural Mystic”).

O reggae invade a Inglaterra muito mais pelo ritmo do que propriamente pelas mensagens. Por onde os rastafaris passam a curiosidade é despertada. Os lon-

gos cabelos em tranças proibidos de serem cortados pela doutrina rastafari, a dieta vegetariana e o não-consumo de bebidas alcoólicas soam como um exotismo para europeus e americanos.

“... Nos recusamos a ser / o que você queria que nós fôssemos, / somos o que somos...” (“Babylon System”).

Três vocalistas femininas, Rita Marley, mulher de Bob, Judy Nowatt e Marcia Griffiths, entram para os Wailers em 1974. É gravado o LP *Natty Dread*, contendo a faixa “No Woman No Cry”, que faz sucesso em todo o mundo. Gilberto Gil grava uma versão da música com o nome de “Não Chore Mais” no LP *Realce*, em 1979.

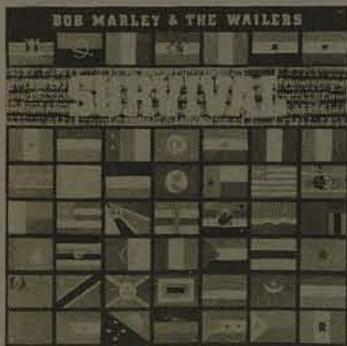
“... Em que me lembro, a gente sentado ali / na grama do aterro sob o sol / observando hipócritas...” (“Não Chore Mais”).

São nove horas da noite do dia 3 de dezembro de 1976 e Don Taylor, empresário dos Wailers, chega na casa em que a banda está ensaiando. É feita uma pausa para descanso, e de repente Taylor ouve um tiro. O empresário não hesita

Há dez anos morria Bob Marley, cantor e mito cuja voz nem um atentado calou. Só um câncer



Sua primeira gravação (62) foi arranjada por Jimmy Cliff



Discografia

Discografia oficial: *Soul Rebel* (1969), *Soul Revolution* (69), *Trench Town Rock* (70), *African Herbsman* (70), *Rasta Revolution*, (70), *Cath a Fire* (73), *Burnin'* (73), *Natty Dread* (74), *Live* (75), *Rastaman Vibration* (76), *Exodus* (77), *Babylon by Bus* (78), *Kaya* (78), *Survival* (79), *Soul Shakedown Party* (80), *Uprising* (80), *Chances Are* (80), *Confrontation* (83), *Legend*. Edições piratas: *Live in Milano*, *Bob Marley Lion of Judah*, *Jah Joys and Rainbow* e *We Never Give Up*.

e se joga na frente de Marley. Três disparos deixaram Taylor quase um mês no hospital. Bob levou um tiro no cotovelo esquerdo e outro no braço.

“... Emboscada na noite, / todas as armas apontando para mim. / Emboscada na noite, / Eles abriram fogo contra mim. / Emboscada na moita, / Protegido por sua majestade. / Emboscada na noite, / planejada pela sociedade...” (“Ambush”).

Não há mais clima para Bob ficar na Jamaica, ele então passa a morar entre Londres e Miami. Dois anos mais tarde, Marley volta a tocar em Kingston no Concerto da Paz. No meio do show, o músico chama para subirem no palco os dois maiores adversários políticos da Jamaica, Michael Manley e Edward Seaga. Bob faz com que os dois rivais apertem as mãos diante do público.

“... Violência política por toda a cidade. / Não envolta rasta no que você diz, / rasta não trabalha para a CIA...” (“Rat Race”).

Em 1978 é lançado o LP *Kaya*, que chega a ser apreendido no Brasil por conter uma ilustração de

um imenso “baseado” em combustão na contra-capa. O disco sai, porém sem o desenho (só recentemente que a contra-capa original foi liberada). *Kaya* é uma gíria para a erva sagrada, e o disco reflete o transcendentalismo da filosofia rastafari.

“... Me levanto e relaxo / porque a chuva cai / tenho que fumar kaya agora / porque a chuva está caindo. / Me sinto tão bem que chego a tocar o céu / por cima da chuva que cai...” (“Kaya”).

Ainda em 1978, Marley vai conhecer a África. Da viagem nasce o LP *Survival* (Sobrevivência), que prega a emancipação e unificação do continente. A capa do disco estampa todas as bandeiras dos países africanos. Nas músicas o espírito libertador de Bob Marley.

“... Os africanos vão libertar Zimbabwe (...) / Todo homem tem direito de decidir seu próprio destino...” (“Zimbabwe”).

Marley está rico e volta a morar na Jamaica. Os críticos acham uma contradição a riqueza de Bob diante de tudo aquilo que ele canta. Marley se defende: “Eu não sou uma prostituta, eu respeito o povo, como Taj Mahal e Bob Dylan”. O dinheiro é só uma consequência do enorme sucesso do músico.

Em 1980 é lançado o último LP de Marley, *Uprising*. A música “Could Be Loved” faz sucesso nas casas noturnas de todo o mundo, inclusive por aqui. No mesmo ano, ele chega a vir ao Brasil, joga futebol com Chico Buarque, fica encantado com as frutas do país, mas não canta uma só nota.

“... Por quanto tempo vão matar nossos profetas / enquanto ficamos de lado e olhamos?...” (“Redemption Song”).

Bob Marley está fazendo jogging no Central Park, em Nova Iorque, de repente um súbito mal-estar e ele cai desacordado. São meses de agonia enquanto um câncer dizima o cérebro de Marley. Até que no dia 11 de maio de 1981, ele, com apenas 36 anos, pronuncia as últimas palavras: “não chore mamãe, eu estarei bem”.

Hoje, dez anos depois, os jornais noticiam a briga de Rita Marley pela herança do marido com um advogado. Marley sempre desprezou o sistema de vida ocidental. A verdadeira herança deixada por Bob não está nos milhões disputados nos tribunais, e sim na sua música libertadora.

Romir Rocha



Dennis Brown em dueto com Derrick Simpson, do Black Uhuru

Reggae teve festival em Curitiba com festa que durou seis horas

A Jamaica nunca esteve tão perto de Floripa. Por um dia a geografia ficou louca e Curitiba virou Jamaica. Foi numa noite fria de 14 de março de 1991, no santuário de shows, a pedreira Paulo Leminski. Imagine um buraco do tamanho de um estádio de futebol rodeado por rochas e pedras. Uma inteligente iluminação vinda de baixo, uma caudalosa cachoeira, dois telões, um carro pipa de chope, segurança e organização eficiente e sem tumulto com capacidade para mais de 20 mil pessoas. Foram seis horas de reggae sessions com Andrew Tosh (filho de Peter), Dennis Brown, “Black Uhuru” e “The Wailers”.

Embora marcado para às cinco da tarde, Andrew Tosh só subiu ao palco duas horas depois. Repetiu várias vezes que era filho de Peter Tosh (“cause my father Peter Tosh”). O grupo era formado por uma guitarra, baixo, dois teclados, bateria, percussão congas e bongôs. Ele detonou os principais sucessos do ícone - pai com uma voz metálica e rouca e uma performance surpreendente. Poucos o conheciam. “Legalize it”, “Get up stand up”, “Johnny B. Goode”, “Bush Doctor”, “Downpressor Man”, “Equal Rights”, “Don’t look back”, “Mystic Man” e “Pick myself

up” foram algumas das interpretações em que o filho respeitou os arranjos do pai.

Vestindo tênis de cano alto, boné e óculos escuros, mais parecia um rapper americano do que um reggaeman. As aparências porém enganaram e Andrew Tosh conversou, dançou, reverenciou Peter à exaustão, louvou Jah, gritou Irie e Rastafari invariavelmente entre todas as músicas que executou.

Foi um excelente começo de noite. Só saiu de cena depois de voltar duas vezes, atendendo ao bis protagonizado pelo próprio apresentador “oficial” da noite - um pequeno jamaicano que urrava palavras de ordem como “Rastafari, The Kings of the Kings, Irie! Irie!”.

Predileto de Marley — Rapidamente Dennis Brown apareceu e sem demora iniciou seu show acompanhado pelos músicos de Andrew.

Cantou músicas dos seus elepês *Wolves and Leopards*, *Words of Wisdom*, e *Joseph’s coat of many colors*. O público pareceu não tê-lo entendido muito bem. Dennis não é conhecido por aqui, embora tenha sido o cantor predileto de Bob Marley. Sua aparição foi a mais curta da noite.

A terceira atração foi o grupo Black Uhuru. Foi impossível permanecer imóvel diante daqueles arranjos vocais sabiamente elaborados. Muito pulso e feeling. Jah estava abençoado aquela noite. Parecia festa de hippie com reggae, paz e ganja. As músicas “Whats Life” e “Worls is Africa” foram preciosidades do estilo arrastado do Black Uhuru. Dennis Brown voltou, deu canja, e cantaram juntos. Brown and Black.

Pela primeira vez da noite mudaram os músicos.

The Wailers assumiram o comando da festa. A catarse coletiva começou com “Rastaman Vibration”, clássico dos clássicos de Marley. E continuou durante duas horas com “Redemption Song”, “Them belly Full”, “Waiting in Vain”, “No Woman no cry”, “Exodus”, “Crazy Baldhead” e muitas outras. Junior Marvin ganharia facilmente o motorrádio de melhor em campo. Foi inclusive com camisa do Coritiba que iniciou a apoteose final. O guitarrista e vocalista do “The Wailers” esbanjou talento e reggae feeling. Bob Marley certamente assistiu e gostou.



Marvin: melhor da festa

Murilo Naspolini



Fotos: Murilo Napolino/Zero

CLIFF!

O povo teve o que merecia no sábado, dia quatro quando Jimmy Cliff passou rápido e divertido pela Ilha — que, apesar de programas de rádio mais esforçados nunca valorizou muito o reggae. Embora a fusão tribalhitech da banda Ara Ketu ter sido anunciada como “a última moda” (nada como uma produção que conhece o eleitorado), o que imperou na passarela do samba-reggae foi um autêntico clima roots. Não porque Cliff tenha tirado do baú sucessos telenovela ou porque a banda baiana que o acompanhou revelou o que ele fez nos último seis meses no Brasil. A festa foi, na verdade, do povo que tem reggae na carteira de identidade: meninos de rua que entraram às pencas, burlandos porteiros ou animadas meninas e senhoras dos morros, indiferentes à truculência da segurança e à insinuação dos rastamente boutique.

A enjambração, no fim das contas, foi positiva apesar dos porquês — por que não foi divulgado que com ele estaria uma banda baiana? Por que Cliff começou o show sem som no seu bongô? Por que os dois grupos supostamente programados para a abertura não apareceram? Cliff, viajandão entrou à força no show “tem a música com eles”. Cliff é, na verdade, um velho conhecedor do Brasil, onde esteve pela primeira vez em 1968 e “onde os ricos ficaram mais ricos e os pobres mais pobres”, como disse em depoimento exclusivo ao Zero na tarde de sábado.

“Bahia e Jamaica compartilham as mesmas experiências”, entende o último dos mitos Jamaicanos. Assim, ele acaba de gravar seu 22º LP, em dois estúdios preparados em Salvador. O disco vai ser lançado em julho e tem a atenção das bandas Ara Ketu e Olodum — que acompanhou Paul Simon em sua última excursão. “Samba é samba, reggae é reggae”, enfatiza Cliff explicando que a melange novidadeira (o samba-reggae) com que anima seus shows “tem raízes”. Só que estamos nos expressando de maneiras diferentes”. O fato de o reggae estar revivendo seus dias de glória na indústria fonográfica e de ter incorporado elementos de outros gêneros em todo o mundo, não influencia a essência da música. “Até na Jamaica a tecnologia está transformando tudo”, conta Cliff, para quem “o reggae continua com os mesmos sentimentos”. Mesmo sendo samba-reggae, no que aliás, David Byrne também vem falando há muito.

Murilo Napolini



Ivaldo Brasil Jr./Zero



Ivaldo Brasil Jr./Zero

